

EDUCAÇÃO ESPÍRITA





EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Revista semestral de Educação e Pedagogia
(ÓRGÃO DO DEPARTAMENTO CULTURAL EDICEL)

EDITORA CULTURAL ESPÍRITA LTDA.

Rua Gênêbra, 122 (esquina da rua Maria Paula)

Fone 36-2273, São Paulo, Brasil

Direção e Chefia de Redação

J. HERCULANO PIRES

Direção Administrativa

FREDERICO GIANNINI JÚNIOR

Secretaria de Redação

MARIA DE LOURDES A. FERRAZ

Direção Artística

MERHY SEBA

Revisão

EQUIPE EDICEL

Capa

Hector Tortolano

ANO III — JANEIRO-JUNHO 1973 — N.º 4

116.º Aniversário do Livro dos Espíritos — 1857-1973.

ÍNDICE

O Impacto Esp-Educacional	1
O Livro dos Espíritos e a Educação	3
Necesidad Espiritual de las Ciencias de la Educacion	9
Necessidade Espiritual das Ciências da Educação (trad.)	17
A Comunidade Espírita e a Educação	25
Filosofia do Instituto Espírita de Educação	32
Emmanuel aprova a criação das Escolas de Espiritismo	38
Rui e Kardec	42
Transcendência da Educação Espírita na Comunidade	48
Nova Era	60
Pobre Mulher Pobre e Pobre Mulher Rica	62
Insegurança e Medo	64
As Idades que Influem na Formação do Homem	67
Escolas de Aprendizes do Evangelho	72
Da Necessidade de Cursos	80

O IMPACTO ESP-EDUCACIONAL

Há 116 anos saía em Paris a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*. Seu autor humano era um pedagogo e sua finalidade era iniciar um novo capítulo da Educação do Homem. Seus autores espirituais eram o Espírito Verdade e os componentes de sua equipe de trabalho. A cultura ocidental vacilava ao impacto do Materialismo, que ameaçava também as civilizações do Oriente, logo mais abaladas por seus princípios negativos.

O impacto de *O Livro dos Espíritos* foi um contra-impacto do mundo espiritual para fazer recuar aos devidos limites a onda materialista. A Educação do Homem, subitamente ameaçada pela negação dos valores espirituais, pôde então retomar o seu rumo. O Espiritismo preenchia o abismo aberto pelo Materialismo entre os dois hemisféricos do Conhecimento: a Ciência e a Religião.

A Filosofia, transformada pela Idade Média em serva da Teologia, esvaziara-se diante das descobertas científicas do século XVIII. Esse esvaziamento, que se evidenciava no Positivismo, no Pragmatismo e em outras correntes de pensamento prático, atingiria a sua maior dimensão e profundidade com o desenvolvimento do Marxismo. O Espiritismo, apresentando uma nova concepção do homem e do mundo, permitia o restabelecimento da unidade cultural.

O processo da cultura retomava assim o fio perdido. Poucos perceberam com clareza esse fato, mas o contra-impacto do Espiritismo foi sentido por todos. Sacerdotes subiram aos púlpitos, cientistas assumiram suas cátedras, filósofos

mergulharem de novo no cógito cartesiano, escritores e jornalistas empunharam suas armas para combater a reação espiritual. Mas o bom senso de Kardec mostrou-se na forma de uma trincheira inexpugnável. O Grande Educador, ao contrário dos outros, abandonara a sua cátedra para assumir a reitoria da Universidade do Espírito.

Hoje, no 116.º aniversário de O Livro dos Espíritos podemos ver com clareza os efeitos da posição corajosa de Kardec. No correr desses anos a Ciência materialista não deixou de avançar. Acabou por abalar tão fundamentalmente como no Ocidente os valores espirituais do Oriente. Mas não conseguiu sufocar a nova Ciência do Espírito que, embora bloqueada em suas barricadas, não cedia e continuava a se propagar entre as próprias fileiras adversárias. Grandes nomes das Ciências sofreram o contra-impacto e entregaram-se, de bom ou de mau grado, à investigação dos fenômenos espíritas.

A Educação propriamente dita, na sua forma escolarizada, não podia escapar ao impacto do Materialismo. Desligou-se dos princípios religiosos, renegou-os e converteu-se às Ciências. Surgiu o princípio novo da Educação Laica, até hoje dominante em todo o mundo. Uma educação indiferente ao espírito só poderia afundar a cultura no negativismo e no desespero. Foi o que aconteceu. As religiões reagiram, mas suas armas eram impotentes. Na própria Índia — declarou-nos em entrevista especial que publicamos em nosso primeiro número o Dr. Barnejee — as antigas escolas espiritualistas se ocidentalizaram, o que vale dizer que se tornaram materialistas.

É nesse momento de desespero, de angústia diante do nada, do vazio, do absurdo da vida, que surge o impacto da Esp-Educação, ou seja, da Educação Espírita. Esta se apresenta fundada cientificamente nas provas de Esp ou percepção extra-sensorial — que a própria Ciência materialista teve afinal de aceitar, através do endosso parapsicológico à Doutrina Espírita. Pensemos nisso.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS E A EDUCAÇÃO

J. AMARAL SIMONETTI

(Do Grupo Espírita de Estudos Pedagógicos — S. Paulo.)

A primeira característica de **O Livro dos Espíritos**, nem sempre percebida, é a sua forma didática. Não fosse Kardec um pedagogo, habituado à disciplina pestalozziana, e os Espíritos do Senhor não teriam conseguido na Terra um tão puro reflexo dos seus pensamentos. Mas a didática de Kardec nessa obra não se limita à técnica de ensinar. É uma didática transcendente, insuflada pelo espírito, que mais se aproxima da **Didática Magna** de Comenius do que dos manuais técnicos dos nossos dias.

A Educação Espírita brota desse livro como água da fonte: espontânea e necessária. Logo na **Introdução** temos um exemplo disso. Não se trata apenas de introdução à obra, mas à Doutrina Espírita. Ao invés de uma justificativa e uma explicação do livro, temos uma abertuda para a compreensão de todo o seu conteúdo e até mesmo da posição do Espiritismo no vasto panorama da cultura terrena, abrangendo as áreas até então conflitivas do Conhecimento e estabelecendo entre elas as ligações indispensáveis. Sim, indispensáveis porque o conflito entre as áreas culturais era o maior obstáculo à compreensão global do homem que o Espiritismo trazia.

Ainda agora, em nossos dias, o Prof. Rhine assinalou a existência de várias concepções antropológicas conflitivas: a religiosa ou teológica, a

científica ou materialista, a filosófica materialista ou espiritualista e assim por diante. (Ver "O Novo Mundo da Mente" de Rhine.) O que a Parapsicologia se propõe a fazer, mais de cem anos depois, Kardec já realizara com **O Livro dos Espíritos**. Se os cientistas não perceberam isso, os espíritas por todo o mundo se beneficiaram com a nova concepção **gestáltica** e se incumbiram de propagá-la.

Bastaria isso para mostrar e provar que a didática de Kardec nessa obra transcendeu os limites puramente didáticos para atingir dimensões pedagógicas. Não poderíamos dizer que **O Livro dos Espíritos** é um tratado de Pedagogia, pois o seu objetivo específico não é a Pedagogia. Mas é evidente que se trata de um verdadeiro manual de Educação, no mais amplo e elevado sentido do termo. Seu objetivo explícito é ensinar e educar. O ensino ressalta desde as primeiras linhas e se desenvolve até as últimas, sem solução de continuidade. Mas esse ensino não se limita à transmissão de dados técnicos de informações culturais objetivas. Pelo contrário, projeta-se além desses dados e leva o estudante ao campo pedagógico da formação moral e espiritual. Ao terminar a sua leitura o estudante atento e perspicaz adquiriu novos conhecimentos, mas conquistou principalmente uma nova concepção do homem, da vida e do Universo. E mais do que isso, realizou o desígnio da sua própria existência, que é a sintonia do seu ser com o Ser Supremo: Deus.

O Sr. Sanson, materialista, lendo esse livro volta ao espiritualismo e se reencontra com Deus. Os caminhos da fé lhe eram vedados pela barreira do ilogismo religioso, mas **O Livro dos Espíritos** lhe demonstrou que entre os caminhos para Deus o da razão era o mais seguro. Este exemplo concreto e histórico, referido pelo próprio Kardec, mostra-nos a ligação das áreas culturais. Sanson ilustra essa ligação, como tantos outros o fariam mais tarde, ao atingir a fé pela razão.

Podemos dizer que, na Educação, segundo a conhecida proposição de Kerchensteiner, a Didática é o campo da cultura objetiva e a Pedagogia,

que abrange naturalmente aquela, é o campo da cultura subjetiva. Mais de cem anos antes de Kerchensteiner fazer essa proposição Kardec já a havia utilizado com êxito na elaboração de **O Livro dos Espíritos**. Pode-se alegar que essa não foi uma realização de Kardec, e sim dos Espíritos. Convém lembrar que a organização do livro, e até mesmo a sua factura na produção do texto, através das perguntas que provocaram as respostas espirituais, estiveram a cargo de Kardec. Nessa prodigiosa elaboração os Espíritos contribuíram com a matéria-prima, mas Kardec foi o artesão paciente e lúcido, esclarecido e capaz.

A preocupação de Kardec com as palavras, por exemplo, revela o cuidado do professor tereno que tem de aplicar os termos com exatidão para se fazer compreender. Os Espíritos não se importavam com isso, como muitas vezes disseram ao mestre, pois o que lhes interessava era o pensamento e seu significado intrínseco, sua substância. Mas Kardec estava encarnado — era o homem no mundo — e por isso mesmo atento aos problemas do mundo. Vemos na Introdução como ele, logo de início procura e consegue definir com clareza os termos para que “a ambiguidade das palavras” não leve o leitor a confusões perigosas ou os possíveis exegetas a interpretações deturpadoras.

O Resumo da Doutrina dos Espíritos, que encontramos na Introdução, é outra prova do trabalho pessoal de Kardec e da maneira por que ele sabia colocar a Didática em função da Educação, entrosando-a na Pedagogia não só como instrumento de ensino, mas sobretudo como função pedagógica. A leitura atenta e meditada desse resumo seria suficiente para esclarecer um leitor realmente interessado no assunto e predispô-lo à renovação interior. Nesse sentido, podemos dizer que Kardec realizou o sonho de Pestalozzi: deu ao mundo uma forma viva de ensino que ao mesmo tempo informa e forma, instrui e moraliza. A dinâmica pedagógica de **O Livro dos Espíritos** teria impedido o desvirtuamento da Educação através

do pragmatismo educacional, se porventura os pedagogos do século XX o tivessem encarado com isenção de ânimo e os cientistas, na sua maioria, não se tivessem deixado embriagar pelas teorias materialistas.

OS NOVOS DADOS

O ensino de *O Livro dos Espíritos* se constitui da transmissão para os educandos dos novos dados sobre o homem, a vida, a Natureza e o Universo que a Ciência Espírita conseguiu obter através da pesquisa, da observação e da revelação. O problema da revelação, que levanta suspeitas e objeções na área científica propriamente dita, é explicado de maneira didática. Até Kardec a Revelação era divina e só divina, e se escrevia assim como fizemos, com inicial maiúscula. Dela se originava a Teologia, a Ciência de Deus... feita pelos homens. A partir de Kardec a situação é outra.

Descartes, inspirado pelo Espírito da Verdade, já havia demonstrado no século XVII que à Ciência Divina proveniente da Revelação se opunham as ciências humanas provenientes da razão. Kardec foi além e demonstrou a existência de dois tipos de revelação: a divina e a humana. A Ciência Espírita se apresentava como produto da conjugação dessas duas formas. De um lado tínhamos a revelação divina feita pelos Espíritos, de outro a revelação humana feita pelos homens. Todo cientista capaz de descobrir novas leis naturais é um revelador, pois na verdade revela uma realidade oculta. A Ciência Espírita fundia a revelação divina com a revelação humana. Os Espíritos revelavam no geral, os homens no particular.

Vamos a um exemplo concreto. Os Espíritos revelaram a Kardec que muitos Espíritos não sabiam que haviam morrido. Kardec estranhou e pôs em dúvida esse dado da revelação. Mas para esclarecer o problema entregou-se à pesquisa e esta lhe mostrou que os Espíritos tinham razão. Kardec poderia ter-se apoiado em pressupostos

da tradição espiritualista, inclusive da tradição judaica a respeito, mas não procedeu assim porque o seu critério científico exigia a comprovação objetiva dos fatos. Quem quiser consultar a coleção da Revista Espírita sobre esse assunto verá como Kardec conseguiu objetivar esse problema subjetivo através dos processos mediúnicos. O mesmo se deu com a questão do desprendimento do espírito durante o sono, com o problema da obsessão e também com o problema da existência do corpo espiritual (perispírito), e assim por diante.

A própria existência de Deus e a questão de sua imanência e transcendência, inacessíveis à Ciência, segundo à tese kantiana, Kardec submeteu à observação e a lógica. Depois dele o Prof. Ernesto Bozzano sugeriu a hipótese do Deus-Éter, mas Kardec não se prendera ao campo das leis físicas, recorrendo ao princípio de causa e efeito e firmando o princípio espírita de que: **todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.**

A idéia de evolução se infiltrara na Ciência e na Filosofia desde o século XVIII. Kardec a recebeu dos Espíritos mas também a submeteu à observação. No caso da evolução do homem submeteu-a ainda à pesquisa através da mediunidade e conseguiu demonstrar a sua realidade de maneira positiva.

Assim, os dados da Nova Ciência, que Kardec chamou de Ciência do Espírito, ofereciam uma nova concepção do homem e do mundo que tinha de ser ensinada à Humanidade. A transmissão desses dados coube à didática de Kardec em **O Livro dos Espíritos.**

O NOVO HOMEM

Esse volume de informações novas que abriam novas perspectivas para o futuro humano, Kardec, o pedagogo e professor, submeteu naturalmente ao controle pedagógico da formação do novo homem. Surge aí, precisamente nesse ponto do processo espírita, a conexão necessária (entendendo-se a necessidade no mais rigoroso sentido

lógico) do Espiritismo com o Cristianismo. Jesus também havia procedido assim. Oferecera aos homens novos dados sobre a sua natureza e sobre a natureza do Universo, provando através de demonstrações práticas a realidade do seu ensino: os fatos espíritas que constam dos Evangelhos, os fenômenos físicos por ele produzidos, os fenômenos de transfiguração e materializações ou aparições tangíveis (como no Monte Tabor e os ocorridos com ele mesmo após a morte).

Por outro lado, apoiando-se nesses dados, Jesus afirmara a necessidade de transformação do **homem velho em homem novo** e aplicara a sua pedagogia nesse sentido. Kardec dava continuação a esse trabalho de Jesus e verificava que a moral evangélica preenchia todos os requisitos da nova formação do homem a partir do século XIX.

O **Livro dos Espíritos** não é apenas um repositório de informações a serviço da Didática Espírita. É também um manual de aperfeiçoamento humano que culmina na sua última parte, dedicada às leis morais. Nesse sentido a estrutura da obra é clara: parte da questão da existência de Deus, examina o problema da Criação, situa o homem no contexto universal, demonstra a sua natureza espiritual e não sujeita à destruição da morte, investiga o mundo de após morte, revela a lei de reencarnação progressiva e teleológica, estuda as relações dos espíritos com os homens, descobre a lei de adoração e explica o seu desenvolvimento, trata das penas e recompensas futuras e aponta Jesus como o modelo da perfeição humana, dando à Humanidade a educação integral de que ela necessita.

O **Livro dos Espíritos** é, pois, um manual de Educação Integral oferecido à Humanidade para a sua formação moral e espiritual na Escola da Terra.

NECESIDAD ESPIRITUAL DE LAS CIENCIAS DE LA EDUCACION

HUMBERTO MARIOTTI

(Professor, escritor e filósofo
argentino — Buenos Aires.)

I

El hecho pedagógico y educacional es propio de la naturaleza humana en virtud de la esencia evolutiva del espíritu; por eso todo auténtico desenvolvimiento del ser se dará por los medios científicos y morales con que cuenta la civilización y la cultura, por cuya razón la pedagogía y la educación son instrumentos indispensables para que la inteligencia pueda alcanzar su máximo desenvolvimiento.

Cada encarnación del espíritu demanda la técnica que nos brinda la educación y la pedagogía aun en sus aspectos clásicos, pues como se sabe, el ser no evoluciona en "estado virginal" o sea de acuerdo con ciertas "concepciones anarquistas" que desean prescindir de los auxilios científicos de la educación.

No se olvide que la Filosofía Espírita de la Educación ha llegado a la conclusión de que los valores esenciales del espíritu, al existir en forma latente desde el punto de vista palingenésico, demanda por eso mismo un encauzamiento educacional en el niño y en el adulto para que esos valores se produzcan inteligentemente en sus manifestaciones.

El educando a la luz de la filosofía espírita es un ser palingenésico que posee un proceso es-

piritual aterior, es decir, una acumulación de nociones intelectuales que determinan lo que el doctor Gustavo Geley denominó Ser Subconsciente. Y es precisamente en los estratos subconscientes del niño y el adulto donde se hallan, como en un archivo, las experiencias que luego determinarán las manifestaciones morales e intelectuales de la personalidad.

Esto quiere significar que a la luz del Espiritismo el hombre encarnado necesita de la enseñanza y la educación para que sus estados subconscientes y sus conocimientos de existencias anteriores emanen de él normalmente.

Esto quiere significar que a la luz del Espiritismo el hombre encarnado necesita de la enseñanza y la educación para que sus estados subconscientes y sus conocimientos de existencias anteriores emanen de él normalmente.

El niño y el adulto de acuerdo con la Filosofía Espírita de la Educación son entidades espirituales factibles de ser educadas, pues solamente el concepto materialista de la vida considera que la educación es una práctica de la cual puede prescindirse. Pero con este concepto es como la humanidad podría volver al estado de los antiguos esclavos, quienes vivían como miserables criaturas ignorantes y analfabetas.

En efecto, negar la eficacia de la educación y de la pedagogía espíritas y por consiguiente de las ciencias de las aulas y de las cátedras en el movimiento espiritista sería propender a un nihilismo intelectual y cultural que contribuiría a fomentar la ignorancia y hasta el analfabetismo entre las masas espíritas.

Si la enseñanza del Estado es una necesidad para el orden moral de la sociedad, con mayor razón lo será la enseñanza espírita la cual, felizmente, no responde a concepciones ideológicas destinadas a sostener tipos de civilización que defiendan y sostengan intereses exclusivamente temporales. Porque es preciso recordar que la ideología del Estado moderno responde en lo filosófico-

-existencial al concepto materialista de la vida, el cual se lo considera, amén de los eclesiológicos, como el único válido para mantener el orden moral y social de la Nación.

Como se verá, estos conceptos convierten al ser encarnado en una **tabula rasa** en la cual el Estado grabará la enseñanza más adecuada que pueda sostener intereses sociales y materiales. Tengamos presente que el Estado moderno, secundado por las instituciones eclesiológicas, considera al hombre sin ningún precedente palingenésico; pero la Filosofía Espírita de la Educación que se está delineando en nuestra América sobre la base de la concepción kardeciana, nos demuestra que el espíritu posee un pasado existencial que se fija en el presente y se proyecta hacia el futuro sin solución de continuidad, como decía Kardec, en virtud de ese mismo proceso palingenésico a que está sujeto el ser.

Esto nos indica que la educación y la pedagogía basadas en los intereses del Estado necesitan ser reformadas sobre las bases espirituales y religiosas de la filosofía espírita. Pues frente a esta situación es que nos vemos en la necesidad de darle al Movimiento Espiritista, como expresión social que es dentro del proceso histórico, los elementos técnicos adecuados al concepto espírita del hombre y de la vida. Es decir que el Movimiento Espiritista, como nueva forma espiritual y social de la evolución, necesita de una civilización y de una cultura emanadas gnoseológicamente del Espiritismo.

En consecuencia, la realidad de la Universidad Espírita, esto es, de las aulas espiritistas, se torna una necesidad cultural en el seno de una sociedad materialista cuya concepción educacional y pedagógica responde a ese mismo sentido material de la vida. Es por eso que el filósofo espírita deberá trabajar intensamente para que se establezcan las bases de una **SOCIEDAD ESPIRITISTA** cuya ideología se asentará en el concepto palingenésico del individuo y en las relaciones mediúnicas entre los

encarnados y los desencarnados. Y de esta concepción espírita del mundo surgirán las bases para una civilización sobre la cual se asentará la Escuela del porvenir, cuyos programas de estudios estarán basados en la visión kardeciana del hombre y de la cultura.

II

Ahora bien, las contradicciones de los programas de estudios impartidos por el Estado en todo tiempo y lugar son por demás notorias. Estas contradicciones las observó el mismo Allan Kardec en su época al denunciar las inseguridades de la filosofía y la ética desdeñosa de los profesores. Al respecto el gran educador espírita decía:

“En las lecciones de filosofía clásica, los profesores enseñan la existencia del alma y sus atributos según las diferentes escuelas, pero sin dar pruebas materiales. ¿No es de extrañar que cuando tales pruebas se tienen ya, sean rechazadas por los mismos profesores y calificadas de supersticiones? No equivale a decir a sus discípulos: Nosotros os enseñamos la existencia del alma, pero nada la prueba?”

“Cuando un sabio admite una hipótesis sobre un punto de la ciencia, investiga con solicitud y acoge con alegría los hechos que pueden trocar en verdad la hipótesis. ¿Cómo, pues, el profesor de filosofía, cuyo deber es probar a sus discípulos que tienen un alma, trata con desdén los medios de darles de ella una demostración patente?” (de ¿Qué es el Espiritismo?).

Como podrá verse, es evidente la necesidad de fundar la UNIVERSIDAD ESPIRITA frente a una ética educacional oficial cuya ideología se aparta de la verdad y sólo se ocupa de mantener en pie la vieja y caduca psicología humana, la cual ya no responde a los nuevos niveles culturales alcanzados por el Mundo Moderno.

La Universidad Espírita al entrar en funciones será una demostración real de lo que representa el Espiritismo como fundamento de una nueva civilización. Ello hará ver a filósofos y sociólogos que la Tercera Revelación apareció en el proceso histórico no para quedarse enredada en medio de la cultura materialista, sino para fundar una nueva sociedad mediante la Filosofía Espírita de la Educación. Veamos entonces algunas de sus aspiraciones filosóficas:

1. La Nueva Educación será un acto cultural relacionado con el individuo como ser espiritual.
2. La Nueva Educación deberá reconocer en el individuo un pre-existir espiritual y un grado evolutivo determinado por su proceso palingenésico.
3. La Nueva Educación se convertirá en un acto de penetración psicológica del individuo a fin de descubrir en él los estratos subconscientes de sus conocimientos.
4. La Nueva Educación aplicará al educando los recursos de la clarividencia en procura de analizar su estado moral y sus condiciones psíquicas, ya que en el periespíritu es donde están fijados los elementos culturales por él alcanzados.
5. La Nueva Educación no sólo impartirá enseñanza por los variados mecanismos de la pedagogía, sino también mediante los recursos de la mente del educador. Se unirán así maestro y educando para determinar una resonancia recíproca sobre elevados principios morales y espirituales, lo cual determinará una confianza y comprensión mutuas.

III

Las Ciencias de la Educación tan limitadas y hasta desorientadas frente a las nuevas situaciones de la humanidad, serán reforzadas por la de-

mostración espiritual de la existencia del **Hombre Espírita**. Se comprenderá que este neohombre descubierto por el Espiritismo exige para sus vivencias existenciales un nuevo tipo de sociedad donde la ley de justicia, de amor y de caridad condicione un tipo de vida humana sin los tremendos dramas que se ven en el mundo materialista que nos ha legado la vieja concepción filosófica y religiosa de la educación impartida por el Estado.

La Filosofía Espírita de la Educación, como animada por el genio pedagógico de Kardec, reformará los estatutos de la enseñanza clásica, pero su misión fundamental consistirá en dar formas a una nueva Ciencia de la Educación por medio de las nuevas dimensiones del ser y del conocimiento profundo del hombre, al punto que podrá establecer a la luz de la palingenesis una **teoría aparential del niño**.

Y sobre la base de esta teoría, hemos establecido las premisas siguientes:

1. Que el método espírita de enseñanza requiere del educador una búsqueda interior de de sí mismo y una capacitación filosófica de la educación sobre la base de la concepción espírita de la vida.
2. Que este autoconocimiento del educador le permitirá penetrar en las zonas anímicas y psíquicas del educando, lo que le facilitará desarrollar una tarea en relación con los niveles evolutivos del mismo.
3. Que la educación para ser realmente eficaz, moral y espiritualmente sentida y enfocada, necesita descubrir que el educando es un espíritu encarnado en un organismo somático por razones de la ley palingenésica que es la que rige el desenvolvimiento de la vida universal.
4. Que la educación no debará ajustarse a programas rígidos y unilateralmente concebidos en virtud del viejo aforismo que expresa: "La letra con sangre entra." El arte de educar no es más que un medio

para determinar las manifestaciones subconscientes del individuo.

5. Que la Filosofía Espírita de la Educación hace del educador un individuo en cierto modo mediúmnic, cuyas facultades supranormales le permitirán descender profundamente al subconsciente del niño en busca de la verdadera fisionomía de su individualidad evolutiva.
6. Que la Filosofía de la Educación deja sentada como premisa fundamental pedagógico-educacional la **teoría aparenzial del niño**, en virtud de que detrás de cada infante está el Ser con todos sus grados de evolución palingenésica. Pues para la Educación Espírita la niñez es sólo una etapa fugaz y cambiante y no una condición permanente espiritualmente considerada.
7. Que el Niño desaparece ante el econcepto espírita del espíritu reencarnado, lo cual obliga a pensar que se está frente a un ser aparenzial, o sea a una entidad espiritual que deberá ser evaluada psíquica y mentalmente por un **pre**, es decir por un antecedente existencial ya vivido en razón de la ley palingenésica a que está sujeto.
8. Que la Escuela Espiritista promueve un tipo de mediumnismo pedagógico por el qual el educador impartirá la enseñanza sobre la base de los mentores espirituales que pudieran orientar al educando. No se olvide que todo ser encarnado participa de lo visible e invisible a un mismo tiempo.
9. Que la Filosofía Espírita de la Educación no sienta principios ni programas definitivos. Su labor y desarrollo está sujeto, en sentido general, a la evolución de los espíritus, los cuales al evolucionar moral y mentalmente impulsan a las Ciencias de la Educación a renovar, psicológica-

mente consideradas, las teorías y prácticas de la enseñanza.

10. Que la Filosofía Espírita de la Educación cambiará el valor semántico de las palabras Formación y Educación, reemplazando el vocablo formación por **Maduración** y la voz educación por **Manifestación**. Pues el Educando al ser un espíritu reencarnado, no es una página en blanco sino un libro escrito, el cual deberá ser estudiado mediante lo que denominaríamos **clarividencia paidológica**. Es decir que el pedagogo madurará al ser por el amor y provocará su **manifestación esencial** por la bondad de la didáctica espiritista.

En conclusión, diremos que la educación en los medios espíritas es una necesidad espiritual y cultural, ya que sólo por "curso regulares de Espiritismo", como decía Kardec, se llegará a establecer en el Movimiento espiritista "la unidad de principios, hacer adeptos esclarecidos capaces de esparcer las ideas espíritas y de desarrollar un gran número de mediums". Todo esto, como se comprenderá, demanda Filosofía Espírita de la Educación, es decir, aulas y cátedras donde el Conocimiento Espiritista pueda ser aprehendido metodológicamente mediante la formación de una conciencia filosófico-militante que ponga de manifiesto el carácter histórico del kardecismo.

NECESSIDADE ESPIRITUAL DAS CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

HUMBERTO MARIOTTI

(Professor, escritor e filósofo
argentino — Buenos Aires.)

I

O fato pedagógico e educacional é próprio da natureza humana em virtude da essência evolutiva do espírito. Por isso todo desenvolvimento autêntico do ser se realizará através dos meios científicos e morais de que dispõem a civilização e a cultura, de maneira que a Pedagogia e a Educação são instrumentos indispensáveis para que a inteligência possa alcançar o seu máximo desenvolvimento.

Cada encarnação do espírito requer a técnica proporcionada pela Educação e a Pedagogia clássicas, pois como se sabe o ser não evolui em **estado virginal**, ou seja, por si mesmo e independente dos outros, de acordo com certas **concepções anarquistas** que pretendem prescindir dos auxílios científicos da Educação.

Não se deve esquecer que a Filosofia Espírita da Educação chegou à conclusão de que os valores essenciais do espírito, existindo em forma latente segundo a concepção palingenésica, requerem por isso mesmo uma orientação educacional da criança e do adulto para que se manifestem de maneira inteligente.

O educando, à luz da Filosofia Espírita, é um ser palingenésico que já traz um processo espiritual anterior, quer dizer, um acúmulo de noções

intelectuais que determinam o que o Dr. Gustavo Geley denominou de **ser subconsciente**. E é precisamente nos extratos subconscientes da criança e do adulto que se encontram, como num arquivo, as experiências que logo determinarão as manifestações morais e intelectuais da personalidade.

Isto quer dizer que à luz do Espiritismo o homem encarnado necessita de ensino e educação para que seus estados subconscientes e seus conhecimentos de existências anteriores aflorem nele normalmente.

A criança e o adulto, de acordo com a Filosofia Espírita da Educação, são entidades espirituais passíveis de ser educadas, pois somente a concepção materialista da vida considera que a educação é uma prática da qual se pode prescindir. Mas esta concepção equivale a admitir que a Humanidade poderia voltar à condição dos antigos escravos que viviam como criaturas miseráveis, ignorantes e analfabetas.

Com efeito, negar a eficácia da Educação e da Pedagogia Espíritas, e portanto das ciências, das aulas e das cátedras no movimento espírita, seria tender para um niilismo intelectual e cultural que contribuiria para fomentar a ignorância e até mesmo o analfabetismo entre as massas espíritas.

Se o ensino público é uma necessidade para a ordem moral da sociedade, com maior razão o será o ensino espírita, que felizmente não corresponde a concepções teológicas destinadas a sustentar tipos de civilização que defendam e sustentem interesses exclusivamente temporais. Porque é preciso lembrar que a ideologia do Estado Moderno corresponde, no sentido filosófico-existencial, à concepção materialista da vida, a qual se considera, com o amén de todos os eclesiásticos, como a única válida para manter a ordem moral e social da nação.

Como veremos, essas concepções convertem o ser encarnado numa **tábula rasa** na qual o Estado gravará o ensino mais adequado a manter os seus interesses sociais e materiais. Tenhamos pre-

sente que o Estado Moderno, secundado pelas instituições eclesiásticas, considera o homem sem nenhum precedente palingenésico. Mas a Filosofia Espírita da Educação, que está se delineando em nossa América sobre a base da concepção kardeciana, nos demonstra que o espírito possui um passado existencial que se fixa no presente e se projeta no futuro sem solução de continuidade, como dizia Kardec, em virtude mesmo do processo palingenésico a que o ser está sujeito.

Isto nos indica que a Educação e a Pedagogia baseadas nos interesses do Estado precisam ser reformadas sobre as bases espirituais e religiosas da Filosofia Espírita. É, pois, diante dessa situação que nos vemos na necessidade de dar ao movimento espírita, como expressão social que é dentro do processo histórico, os elementos técnicos adequados à concepção espírita do homem e da vida. Quer dizer que o movimento espírita, como nova força espiritual e social da evolução, necessita de uma civilização e uma cultura emandas gnoseologicamente do Espiritismo.

Em consequência, a realidade da Universidade Espírita, isto é, das aulas espíritas, se torna uma necessidade cultural no seio de uma sociedade materialista, cuja concepção educacional e pedagógica corresponde a esse mesmo sentido material da vida. É por isso que o filósofo espírita deverá trabalhar intensamente para que se estabeleçam as bases da **Sociedade Espiritualista**, cuja ideologia se assentará na concepção palingenésica do indivíduo e nas relações mediúnicas entre os encarnados e os desencarnados. Desta concepção espírita do mundo surgirão as bases para uma civilização sobre a qual se assentará a Escola do Porvir, cujos programas de estudo estarão baseados na visão kardeciana do homem e da cultura.

II

Notemos ainda que as contradições dos programas de estudo distribuídos pelo Estado em todos os tempos e lugares são por demais notórias. Essas contradições foram observadas pelo

próprio Allan Kardec em sua época ao denunciar a insegurança da filosofia e da ética desdenhosa dos professores. Dizia a respeito o grande educador espírita:

“Nas lições de Filosofia Clássica os professores ensinam a existência da alma e os seus atributos segundo as diferentes escolas, mas sem oferecer provas materiais. Não é de estranhar que, quando temos essas provas, sejam elas rejeitadas pelos mesmos professores e qualificadas de superstições? Isso não equivale a dizer aos seus discípulos: Nós vos ensinamos a existência da alma, mas nada prova que ela existe”?

Quando um sábio admite uma hipótese sobre uma questão científica, investiga com solicitude e acolhe com alegria os fatos que podem transformar a hipótese em verdade. Como, pois, o professor de Filosofia, cujo dever é provar aos seus discípulos que eles têm alma, trata com desdém os meios de lhes dar sobre isso uma demonstração patente? (De **O que é o Espiritismo.**)

Como se vê, é evidente a necessidade de se fundar a Universidade Espírita, diante de uma ética educacional oficial cuja ideologia se afasta da verdade e só se preocupa com manter em pé a velha e caduca Psicologia humana que já não corresponde aos novos níveis culturais alcançados pelo Mundo Moderno.

A Universidade Espírita, ao entrar em funcionamento, será uma demonstração real do que representa o Espiritismo como fundamento de uma nova civilização. Ela fará ver a filósofos e sociólogos que a Terceira Revelação não apareceu no processo histórico para ficar enredada em meio da cultura materialista mas para fundar uma nova sociedade mediante a Filosofia Espírita da Educação. Vejamos então algumas de suas aspirações filosóficas:

- 1) A Nova Educação será um ato cultural relacionado com o indivíduo como ser espiritual.

- 2) A Nova Educação saberá reconhecer no indivíduo um pre-existir espiritual e um grau evolutivo determinado pelo seu processo palingenésico.
- 3) A Nova Educação se converterá em um ato de penetração psicológica no indivíduo, a fim de nele descobrir os extratos subconscientes de seus conhecimentos.
- 4) A Nova Educação aplicará ao educando os recursos da clarividência, procurando analisar o seu estado moral e as suas condições psíquicas, já que no perespírito estão fixados os elementos culturais por ele adquiridos.
- 5) A Nova Educação não só distribuirá o ensino pelos vários mecanismos da Pedagogia, mas também mediante os recursos da mente do educador. Mestre e educando se unirão assim para estabelecer uma ressonância recíproca sobre elevados princípios morais e espirituais, o que determinará uma confiança e compreensão mútuas.

III

As Ciências da Educação, tão limitadas e até mesmo desorientadas em face das novas situações da Humanidade, serão reforçadas pela demonstração espiritual da existência do Homem Espírita. Compreender-se-á que o novo homem, descoberto pelo Espiritismo, exige para as suas vivências existenciais um novo tipo de sociedade em que a lei de justiça, amor e caridade condicione um tipo de vida humana sem os tremendos dramas que vemos no mundo materialista que nos legou a velha concepção filosófica e religiosa da educação distribuída pelo Estado.

A Filosofia Espírita da Educação, como que animada pelo gênio pedagógico de Allan Kardec, reformará os estatutos do ensino clássico, mas a sua missão fundamental consistirá em dar novas formas a uma Nova Ciência da Educação através das novas dimensões do ser e do conhecimento

profundo do homem, a tal ponto que que poderá estabelecer, à luz da palingenesia, a **teoria aparen- cial da criança**.

Com base nessa teoria estabelecemos as seguintes premissas:

- 1) O método espírita de ensino requer do educador uma busca interior de si mesmo e uma capacitação filosófica da Educação sobre a base da concepção espírita da vida.
- 2) Esse autoconhecimento do educador lhe permitirá penetrar nas zonas anímicas e psíquicas do educando, o que lhe facilitará desenvolver sua tarefa de acordo com os níveis evolutivos do mesmo.
- 3) A Educação, para ser realmente eficaz, moral e espiritualmente sentida e enfocada, deve considerar que o educando é um espírito encarnado num organismo somático em virtude da lei palingenésica que rege o desenvolvimento da vida universal.
- 4) A Educação não deverá ajustar-se a programas rígidos, unilateralmente concebidos em razão do velho aforismo que diz: "a letra entra com sangue". A arte de educar não é mais do que um meio para determinar as manifestações inconscientes do indivíduo.
- 5) A Filosofia Espírita da Educação faz do educador um indivíduo de certo modo mediúnico, cujas faculdades paranormais lhe permitirão descer profundamente no subconsciente da criança em busca de verdadeira fisionomia de sua individualidade evolutiva.
- 6) A Filosofia Espírita da Educação afirma, como premissa fundamental pedagógico-educacional a **teoria aparen- cial da criança**, visto que, por trás de cada criança encontra-se o ser com todos os seus graus

de evolução palingenésica. Para a Educação Espírita a infância é apenas uma etapa fugaz e cambiante e não uma condição estável, espiritualmente considerada.

- 7) A criança desaparece ante o conceito espírita do espírito reencarnado, o que nos obriga a pensar que estamos em face de um ser aparential, ou seja, de uma entidade espiritual que deverá ser avaliada psíquica e mentalmente por um **pre**, quer dizer, por um antecedente existencial já vivido em virtude da lei palingenésica a que está sujeita.
- 8) A Escola Espírita promove um tipo de mediunismo pedagógico pelo qual o educador ministrará o ensino apoiado nos mentores espirituais que possam orientar o educando. Não se deve olvidar que todo ser encarnado participa ao mesmo tempo do visível e do invisível.
- 9) A Filosofia Espírita da Educação não estabelece princípios nem programas definitivos. Sua ação e desenvolvimento estão sujeitos, num sentido geral, à evolução dos espíritos, os quais, ao evoluir moral e mentalmente, impulsionam as Ciências da Educação a renovarem, psicologicamente consideradas, as teorias e as práticas do ensino.
- 10) A Filosofia Espírita da Educação modificará o valor semântico das palavras **formação** e **educação**, substituindo o vocábulo **formação** por **maturação** e **educação** por **manifestação**. Isso porque o educando, sendo um espírito reencarnado, não é uma página em branco mas um livro escrito que deverá ser estudado mediante o que chamaremos de **clarividência psicológica**. Quer dizer que o pedagogo **amadurecerá o ser pelo amor** e **provocará a sua manifestação essencial** pela bondade da didática espírita.

Em conclusão diremos que a educação nos meios espíritas é uma necessidade espiritual e cultural, já que só por meio de cursos regulares de Espiritismo, como dizia Kardec, chegaremos a estabelecer no movimento espírita a **unidade de princípios**, fazer adeptos esclarecidos, capazes de divulgar as idéias espíritas e desenvolver grande número de médiuns. Tudo isto, como se compreenderá, requer Filosofia Espírita da Educação, o que quer dizer aulas e cátedras onde o Conhecimento Espírita possa ser apreendido metodicamente, através da formação de uma consciência filosófica-militante que torne manifesto o caráter histórico do kardecismo.

A COMUNIDADE ESPÍRITA E A EDUCAÇÃO

ARNALDO RÉGIS

(Do Instituto Espírita de
Educação — S. Paulo.)

I

Não é possível ignorar mais tempo a importância social alcançada pelo Movimento Espírita em todo o País, a ponto de atingir a casa dos dez milhões de pessoas que assinem, publicamente, a sua condição de espírita, fora outros tantos milhões de adéptos e simpatizantes da Doutrina Espírita que, por conveniência ou por receio às convenções sociais dominantes em seu meio, ou por outras causas, não se manifestam.

Em nosso Estado, onde reside o maior número de espíritas, existe uma verdadeira Comunidade Espírita. Essa comunidade vive em tórno dos Centros Espíritas ou de Instituições Espíritas de caráter beneficente.

Os membros dessa Comunidade não encontram em seu seio o estabelecimento espírita de ensino para onde possam encaminhar àqueles que devem estudar e continuar a receber os ensinamentos doutrinários ministrados no lar. São, necessariamente, canalizados para as escolas públicas ou particulares em contacto com professôres e colegas indiferentes à formação espiritual da pessoa e onde a preocupação dominante, logicamente, é a aprendizagem do ensino curricular, nitidamente materialista.

Não há, pois, a opção de escolha da escola como prosseguimento da educação no lar, conforme espírito da Lei 4.024/61, em seu artigo 2.º — “A educação é direito de todos e será dada no lar e na escola; e mais o seu parágrafo único” — “A família cabe escolher o gênero de educação que deve dar a seus filhos”.

Daí a necessidade da criação e multiplicação das escolas espíritas (ou dos estabelecimentos espíritas de ensino), onde os espíritas possam matricular seus filhos a fim de que a educação dada no lar não seja destruída ou disvirtuada na escola.

Com a reforma do ensino que se processa, atualmente, no Brasil, sob a égide da Revolução, produto da Nova Filosofia da Educação e, consequentemente, gerando uma evolução pedagógica que se aproxima, sensivelmente, da Pedagogia preconizada pela Filosofia Espírita, no campo da Educação abre-se vasta e propícia perspectiva para somar a Educação Geral e a Educação Espírita num sistema de ensino espírita mais amplo, em cuja amplitude se absorva o sistema de ensino convencional.

Portanto, a criação de uma rede de estabelecimentos espíritas de ensino (Colégios e Faculdades) não é simplesmente uma necessidade, mas sim um imperativo lógico na presente conjuntura de nossa Pátria. Haja vista as palavras do Ministro da Educação, senador Jarbas G. Passarinho, publicadas na revista EDUCAÇÃO: “tem a reforma do ensino em mira forçar, ao lado da democratização do ensino, a preparação para a vida, construída sobre um embasamento de **prevalência dos valores espirituais e morais, numa sociedade que, à proporção que mais produz bem-estar, parece mais afastar-se de Deus, gerando o problema possivelmente mais trágico do mundo contemporâneo, que é a materialização do homem**” (Educação n.º 1, pág. 2 e 3). O que vale dizer, a predominância dos valores materiais (ou efêmeros) sobre os valores espirituais (ou permanentes).

Quem melhor de que nós, os espíritos, pode entender a justa preocupação do Ministro da Educação?

AS ESCOLAS ESPÍRITAS

O estabelecimento espírita de ensino ou a escola espírita tem importante papel a desempenhar no Movimento Espírita no Brasil. Ela será a semente da renovação social pela formação intelectual da criança, do adolescente e do jovem, descendentes de famílias espíritas, complementando a educação no lar e os ensinamentos recebidos nas instituições espíritas.

A escola espírita não deve ser confundida com a escola criada e mantida por uma sociedade espírita. Essa é, apenas, mais “uma escola” como outra qualquer; aquela é uma escola resultante de duas componentes: a escola comum somada à orientação, vigência e atividades espíritas. Nítidas e genuínas.

A escola espírita funciona no campo educacional como as demais escolas legalmente constituídas e, como estas, tem o mesmo objetivo geral indicado pela legislação específica: — “proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania (artigo 1.º da Lei 5.962/71 — ensino de 1.º e 2.º graus)” e “a pesquisa, o desenvolvimento das ciências, letras e artes, e a formação de profissionais de nível universitário” (artigo da Lei 4.024/61 — ensino superior).

Entretanto, a par de sua utilidade como equipamento ou função social, a “escola espírita” diferencia-se, profundamente, das demais escolas do sistema de ensino oficial e particular. Enquanto a escola comum, pela exigência do pragmatismo, transformou-se em simples meio de preparação do profissional, de adaptar o homem às necessidades de ganha-pão e às conveniências de possuir mais dinheiro, maior projeção nos meios sócio-econômicos, etc. . . , colocando o estudo como simples trampolim para o salto seguro da vida prática, a escola espírita deverá conduzir o educando à compreensão dos valores mais altos do

Espírito, através de uma nova concepção do Universo, do Homem e da Vida.

Muitos problemas serão enfrentados pela escola espírita: porém, dois deles se destacam: o magistério e o currículo.

O corpo docente deverá ser constituído de pessoas espíritas e com formação universitária ou a exigida pela lei. A primeira dificuldade a ser vencida é a de que os professores não estudaram sistematicamente o aspecto espírita de suas áreas de estudo ou disciplina. Essa dificuldade deverá ser sanada com os cursos específicos e intensivos nos quais se faça relacionamento entre o Espiritismo e a Educação. Pelo fato de serem espíritas e de terem um conhecimento geral da Doutrina a tarefa será mais fácil.

A outra dificuldade está em relacionar o **conteúdo** do Conhecimento Espírita num currículo integrado e progressivo, onde sejam previstos a **continuidade** e a **terminalidade** e que abranja o ensino de 1.º, 2.º e 3.º graus, além do currículo específico do ensino pleno da escola, onde couber.

O ensino sistematizado e específico de Espiritismo teria a seguinte carga horária, por curso: ensino de 1.º grau (8 séries) — 960 horas; ensino de 2.º grau (3 séries) — 360 horas; ensino de 3.º grau (4 séries) — 480 horas.

Dentro do estabelecimento espírita de ensino deverá prevalecer o ambiente de uma verdadeira **sociedade espírita**, onde as normas de convivência e inter-relacionamento sejam as ditadas pelos princípios doutrinários. As salas de aula serão nominadas por um vulto espírita; o uso do **pensamento da semana**, afixado em cartazes, em lugares apropriados, será uma frase de conteúdo elevado; nomes de vultos, datas e obras espíritas serão lembrados no decorrer do ano letivo; o grêmio estudantil será um centro de atividades litero-culturais, onde os estudos culturais espíritas serão incentivados, através de palestras, debates e pesquisas, etc... Enfim, a escola espírita será um lugar onde se **respira** permanentemente Espiritismo.

Para atender à manutenção da escola espírita, como outra entidade doutrinária, é necessário prever-se a fonte de arrecadação que permita seu pleno funcionamento, pois todos os membros do corpo docente e da administração serão bem remunerados, a fim de que se possa fazer uma seleção de valores. O corpo discente deverá ser mantido através de bolsas de estudo. Essas bolsas de estudo serão, em princípio, a principal fonte de recursos da escola, que a entidade espírita mantenedora a ela destinará.

Torna-se evidente a necessidade da existência de uma instituição espírita mantenedora da rede de escolas espíritas.

Essa instituição, dedicada às atividades educacionais, fundada desde 1945, existe e funcionou dentro de um esquema que não atingiu a sua real finalidade. Agora, reestrutura-se para aplicar os princípios preconizados pela Filosofia Espírita no campo da Educação. Trata-se do Instituto Espírita de Educação, entidade de âmbito estadual, integrante da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, sediado nesta Capital. A sua primeira unidade escolar será o Colégio "Hilário Ribeiro" (ensino de 1.º e 2.º graus, jardim e classe especial). Nesta unidade-piloto, o Instituto Espírita de Educação, a partir de 1974 (em 1973, funcionará com o ensino de 1.º grau, jardim e classe especial, à rua Abílio Soares, n.º 876) iniciará a era da verdadeira "escola espírita" com a aplicação dos pontos básicos expostos neste artigo.

Escolas de Espiritismo e Escolas Espíritas

O nosso preclaro e distinto confrade José Herculano Pires apresentou e viu aprovada a tese de sua autoria **Escolas de Espiritismo**, no IV Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas, realizado entre 15 e 18 de fevereiro de 1968, em Curitiba. A revista **Educação Espírita**, em seu primeiro número, publicou a tese, detalhadamente, que nos oferece valiosos e oportunos ensinamentos.

Somos incondicionalmente favoráveis à tese e, muito mais ainda, achamos que a sua imediata exequibilidade no Movimento Espírita é prioritária e inadiável.

A **Escola de Espiritismo** preconizada pelo confrade Herculano é a que “deve ser organizada como verdadeira unidade do ensino superior, com toda a sua característica” e “os professores terão de ser, forçosamente, obrigatoriamente, de nível universitário” e “os alunos terão de apresentar certificados de conclusão do ensino secundário ou equivalente ou superior... Mesmo porque “sem essas condições, não seria possível dar ao ensino a eficiência necessária, nem fazer que as **Escolas de Espiritismo** atinjam seu alto objetivo no plano cultural.” (o grifo é nosso).

Como se depreende (recomendamos a leitura integral da tese publicada para melhor entendimento do assunto), a Escola de Espiritismo visa a atingir um alto objetivo no plano cultural e, num sentido mais elevado, a formação do homem espiritual. Ela não tem nenhum fim utilitário comum, do ganha-pão, de percepção de vantagens financeiras. Ela se dirige àqueles que já profissionais ou realizados econômica e/ou financeiramente, possam frequentá-la sem prejuízo e sem preocupação, pois, pela conclusão do curso os formandos não terão qualquer título ou diploma de que possam auferir compensações pecuniárias.

Somos, como afirmamos, plenamente favoráveis a tal empreendimento e, colocamo-nos à disposição do confrade Herculano para secundá-lo naquilo que estiver ao nosso alcance.

Entretanto, há que ressaltar a diferença entre **Escola de Espiritismo** e **Escola Espírita** — título de nosso artigo dêste número — no que concerne à funcionalidade e à terminalidade.

A Escola Espírita aparece como elemento de ligação entre preparar o homem-cidadão e o homem-espiritual. Harmoniza o ensino oficial (preparação do homem para superar dificuldades de manutenção e sobrevivência) e o ensino do Espiritismo (preparação para formação espiritual do

homem). A Escola Espírita admite o aluno desde o ensino de 1.º grau, o conduz através do ensino de 2.º grau e o leva ao ensino de 3.º grau. Se considerarmos a carga horária de 120 horas/ano, ao concluir seu curso superior o aluno terá absorvido cêrca de 1800 horas de aulas de Espiritismo, acrescidas, ainda, das horas de reuniões, palestras, e outras atividades espíritas da escola.

Assim como na **Escola de Espiritismo** o ambiente e a vivência devem ser marcadamente espíritas, na Escola Espírita, também há a predominância da vivência e ambiente espíritas. Por exemplo, o **pensamento semana** será uma frase retirada da Agenda Cristã; as salas de aula terão a denominação de vultos espíritas; haverá comemorações e palestras sôbre o significado de datas ou obras ou pessoas espíritas; o grêmio estudantil (lítero-cultural) será eminentemente uma organização espírita de estudantes e cujo patrono será um vulto espírita; os textos de uso no estudo da língua pátria serão em sua maioria, de obras e autores espíritas; a interpretação da História, as leis que regem a Natureza, etc. . . além, dos conhecimentos científicos oficiais inerentes, serão vistos e interpretados à luz do Espiritismo.

O quadro do magistério e de funcionários serão integrados por profissionais habilitados e eficientes e **necessariamente** espíritas.

A Escola Espírita deverá ser mantida por pessoas físicas e jurídicas espíritas, através de bolsas de estudo, a fim de que possa servir à Comunidade Espírita já numerosa, especialmente a estudantes pobres ou com recursos insuficientes para pagar os seus estudos.

Enfim, a Escola Espírita habilita o homem para viver na sociedade atual, através de sua formação profissional e põe à sua disposição um excelente cabedal de conhecimentos espíritas para a compreensão mais real da Vida. Certamente, uma nova concepção do Universo, da Terra e do Homem, adquirida no estudo do Espiritismo, lhe proporcionará uma conduta social bem diferente e muito mais fecunda.

FILOSOFIA DO INSTITUTO ESPÍRITA DE EDUCAÇÃO

(Projeto)

(Projeto elaborado pelo Grupo Espirita
de Estudos Pedagógicos.)

A Filosofia do Instituto Espírita de Educação decorre naturalmente da Filosofia Espírita, de cujos princípios fundamentais resulta a sua orientação pedagógica, assim esquematizada:

- 1) A escola é um sistema sócio-dinâmico de:
 - a) estímulo e desenvolvimento das aptidões culturais do educando;
 - b) despertamento e orientação de suas tendências vocacionais;
 - c) transmissão de dados e informações para a sua livre adaptação à estrutura sócio-cultural dada;
 - d) abertura de perspectivas para renovação e transcendência das condições sócio-culturais imediatas.
- 2) O educando é um reencarnado que se apresenta com:
 - a) os instintos bio-psíquicos da espécie ligados a fatores hereditários, a complexos e traumatismos decorrentes da formação familiar e outras relações da infância; a prejuízos provenientes de informações falsas e dados sócio-culturais deformados;

- b) cargas inconscientes de vivências anteriores, maléficas e benéficas, prontas a aflorar na consciência mediante estímulos atuais; percepções e emoções reprimidas pela censura pessoal e familiar e introjetadas, alterando o comportamento; reminiscências e anseios de frustrações do passado reencarnatório aflorando no presente em formas ideo-emotivas;
- c) Impulsos ou instintos espirituais determinantes de suas aspirações atuais; experiências e conhecimentos latentes e prontos a eclodir mediante estímulos adequados; posição e atitude perante a vida, o mundo e os semelhantes, decorrentes desses diversos vetores ideo-emocionais latentes.

3) O educador é o adulto preparado para:

- a) transmitir ao educando as informações e os dados sócio-culturais necessários; ajudá-lo psicologicamente a integrar-se no meio em que tem de viver; proporcionar-lhe os estímulos necessários ao desenvolvimento de suas potencialidades latentes e a superar os prejuízos e desajustes provenientes do passado e do presente;
- b) dar ao educando o exemplo de maturidade e equilíbrio que servirão de estímulo ao seu amadurecimento e desenvolvimento; ajudá-lo por atos e palavras a compreender o sentido da vida e o dever moral de fraternidade humana; despertar-lhe sem exclusivismo o sentimento de amor à Pátria; ajudá-lo a atualizar suas intuições inatas da unidade da vida e do Universo sob o poder de Deus e a compreender Deus na Natureza e a compreender Deus na Inteligência suprema que rege o Cosmos na dupla manifestação da sua imanência e da sua transcendência;

- c) dar ao educando as informações científicas referentes à natureza do Universo como estrutura de leis e sistema de ordem; mostrar o lugar do homem nessa estrutura e nessa ordem, sem qualquer sectarismo religioso ou preferência filosófica, de maneira a permitir-lhe a mais absoluta liberdade de opção;
- d) transmitir ao educando a confiança nas leis universais, despertar a sua fé em Deus e em si mesmo, como espírito consciente de seu destino e suas responsabilidades morais e espirituais; oferecer-lhe os dados científicos que lhe mostram a possibilidade ou demonstram mesmo a sobrevivência após a morte (deixando-lhe a opção para uma ou outra conclusão); informá-lo sobre as pesquisas científicas que abalam atualmente as idéias materialistas; ampliar-lhe a visão da vida, do homem e do mundo na perspectiva da eternidade como duração, em que nada se perde e tudo se transforma;
- e) revelar ao educando o verdadeiro sentido da escola como fonte de saber e compreensão; mostrar-lhe pelo exemplo e pela lógica a natureza libertária e não coercitiva da educação e que o ato educativo é um ato de amor, através do qual o educador faz ao educando a doação de si mesmo para ergue-lo ao seu nível de maturidade bio-psíquica, mental e espiritual.

4) A Pedagogia é o sistema que:

- a) resulta da reflexão sobre o processo educacional e destina-se a aperfeiçoá-lo constantemente, de maneira a adequá-lo cientificamente aos seus fins; o educador deve ter o mais preciso e amplo conhecimento da Educação como processo natural de transmissão da cultura e da Pedagogia como processo de apri-

moramento e adequação dos métodos de ensino à formação do educando;

- b) fornece ao educador os elementos necessários à compreensão da sua própria condição de mestre, habilitando-o à atividade didática eficiente e à aplicação eficaz dos métodos pedagógicos mais convenientes aos fins da educação; oferece-lhe uma visão global da Educação como instrumento universal de manutenção e desenvolvimento da cultura em todos os seus aspectos;
- c) prepara-o para intuir, no desenvolvimento de suas atividades, os fatores de renovação pedagógica que devem conduzir às revoluções didáticas e metodológicas exigidas pelas mudanças sócio-culturais em fluxo constante; habilita-o a perceber e superar os fatores de estagnação pedagógica que ameaçam a evolução cultural a todo momento; fornece-lhe os recursos de avaliação para evitar a fascinação das teorias utópicas que perturbam o desenvolvimento eficiente da ação pedagógica.

5) A Filosofia do Instituto Espírita de Educação resume-se neste esquema explicativo, que não obstante não esgota o seu conteúdo nem a reduz a uma sistemática inflexível. Segundo o explícito princípio da Filosofia Espírita, que não se sujeita “aos prejuízos do espírito do sistema”, a Filosofia do Instituto permanece aberta a todas as possibilidades de modificações e alterações exigidas pela evolução natural da realidade cultural e educacional do Brasil e do Mundo. Pesquisas e experimentos já foram realizados no Instituto, na busca de métodos adequados aos seus objetivos, e novas tentativas serão realizadas logo que possível. O objetivo essencial do Instituto é atualizar os princípios da

Educação Integral que se encontram em potência na Doutrina Espírita. Essa Educação é também permanente ou contínua, pois na sua realidade prática, surgida espontaneamente por exigência da mnuidvidência espírita, — segundo a lei que rege o desenvolvimento educacional através dos tempos, — a educação espírita começa antes do nascimento e prolonga-se além da morte. Integrada no processo de evolução universal, a Educação não conhece limites temporais e espaciais. O Instituto admite que a Educação Espírita é, por isso mesmo, o delta em que desemboca, nesta fase histórica da “civilização em mudança”, todo o acervo de conquistas educacionais realmente significativas assinaladas até agora, e às quais se juntam seus pressupostos teóricos e as conquistas práticas por ela mesma realizadas.

6) EM SÍNTESE: A Filosofia do Instituto Espírita de Educação pode ser assim compreendida:

- 1) A Escola é o meio de desenvolvimento das capacidades culturais do educando e de sua integração sócio-cultural, com as necessárias perspectivas de transcendência.
- 2) As capacidades do educando são de duas ordens: as condições orgânicas e funcionais do cérebro e os conteúdos psíquicos da mente. Esta, por sua vez, se divide em dois campos conscienciais: o supraliminar ou consciente e o subliminar ou inconsciente, o primeiro adaptado à vida presente e o segundo relacionado com o passado e voltado para o futuro.
- 3) O educador (compreendendo-se por este a ação conjugada dos professores) tem por função estimular, em ambiente

adequado e através de comportamento psico-social apropriado, o desenvolvimento cerebral e os conteúdos mentais já existentes no consciente, favorecendo o aflorar dos conteúdos ídeo-emotivos do inconsciente que traduzem as tendências vocacionais e as aptidões para assimilação dos elementos sócio-culturais da atualidade.

- 4) A Pedagogia, como teoria geral da Educação, deve orientar o processo escolar tendo em vista as condições do educando no processo reencarnatório, trazendo em si um potencial desconhecido à espera de atualização e impulsos vectoriais de renovação em todas as áreas culturais.
- 5) A Educação espiritual do educando deve seguir as linhas gerais da informação didática e da formação cultural, sem exclusivismos e sectarismos religiosos, científicos ou filosóficos, preservando-lhe a liberdade de opção e a capacidade de auto-determinação.
- 6) A Educação Integral, no sentido da paidéia grega, liberta assim o educando das deformações do cientificismo materialista e do sectarismo religioso, visando à realização do ideal espírita do homem integrado na realidade cósmica.

Bibliografia:

- Kardec, Allan — *Codificação*.
Jaeger, Werner — *Paidéia*.
Hubert, René — *Traité Générale de Pédagogie*.
Myers, Frederic — *The Human Personality*.
Pestalozzi, Enrico — *Canto do Cisne*.

EMMANUEL APROVA A CRIAÇÃO DAS ESCOLAS DE ESPIRITISMO

Numa entrevista concedida ao programa espírita "No Limiar do Amanhã" o médium Francisco Candido Xavier transmitiu opiniões de Emmanuel favoráveis ao desenvolvimento da Educação Espírita. Interpelado sobre a conveniência ou não da criação de cursos de Espiritismo em nível universitário, Emmanuel encareceu a necessidade e até mesmo a urgência dessa iniciativa.

A entrevista foi feita pela equipe da Rádio Mulher de São Paulo, por ocasião do primeiro aniversário daquele programa, em abril de 1972, por meio de gravação em fita magnética, e logo mais irradiada pela citada emissora. Os trechos sobre educação foram publicados na seção "Chico Xavier pede licença", do "Diário de São Paulo", em suas edições de 3 de dezembro de 1972 e 7 de janeiro de 1973 (edições de domingo, em que a seção espírita sai regularmente.)

Reproduzimos o trecho da entrevista, na forma publicada pelo jornal, referente aos cursos de Espiritismo em nível universitário, segundo a tese sobre Escolas de Espiritismo, de autoria do Prof. Herculano Pires, aprovada no Congresso de Curitiba e divulgada no primeiro número desta revista. Os comentários de Irmão Saulo fazem parte da seção espírita do "Diário de São Paulo", todos os domingos.

COMO SERES TERRENOS

Francisco Cândido Xavier

Pergunta — O que acha você, Chico ou Emmanuel, da organização de cursos e até mesmo de escolas de Espiritismo de tipo universitário, para o aprofundamento dos vários aspectos da Doutrina Espírita?

Chico Xavier — É outra modalidade de educação. Se pudermos organizar esses cursos com a respeitabilidade precisa, com o espírito de pontualidade nos compromissos por aqueles que os iniciam, para que a continuidade seja mantida, se encontrarmos esses apóstolos da continuidade para a manutenção dessas bênçãos, devemos começar com essas empresas o mais depressa possível, para a chamada dinamização da idéia espírita e para a intensificação dos valores culturais da nossa Doutrina.

Pergunta — Acho que sem uma preparação cultural dos espíritas para enfrentarem essa tarefa, que nos escapa no momento, não poderemos cumprir o nosso dever de espíritas no futuro. Não é?

Chico Xavier — Diz Emmanuel que atravessamos uma fase como essa a que se refere o nosso amigo, em que precisamos encarar esse assunto com espírito de muito realismo. E para isso devemos esquecer as heranças menos construtivas das religiões tradicionais, que nos alimentaram por muitos séculos, que veneramos muitíssimo, mas que hoje não mais nos atendem aos impulsos e aos anseios de progresso espiritual.

Precisamos considerar, neste caso, o sentido humano da Doutrina Espírita. Os espíritas não são anjos nem delinquentes, são criaturas humanas. Os espíritas não estão no céu e também não estão no inferno. Estão na Terra. Somos seres terrenos. Então, como seres terrenos vamos enfrentar os nossos problemas para resolvê-los — vamos fazer cursos para estudar os assuntos como seres humanos.

A CULTURA ESPÍRITA

Irmão Saulo

Duas coisas ficaram bem claras nesse trecho da entrevista de Chico Xaxier: 1) Os cursos regulares de Espiritismo são necessários e os cursos de nível universitário devem ser organizados "o mais depressa possível"; 2) A modalidade superior da Educação Espírita tem por fim a "dinamização da idéia espírita" e a "intensificação dos valores culturais da doutrina". Essas são afirmações textuais de Emmanuel, como podemos ver acima, feitas através de Chico Xavier.

Esses trechos constam da entrevista gravada com o médium, feita no ano passado, em Uberaba, por ocasião do primeiro aniversário do programa No Limiar do Amanhã. No segundo trecho, que começa assim: "Diz Emmanuel", o entrevistador teve a confirmação do Espírito para a sua tese de que estamos na fase histórica de desenvolvimento da Cultura Espírita no mundo, sendo necessário que nos interessemos pela criação de Escolas Espíritas de nível superior, destinadas a dar aos jovens uma formação espírita em sólidas bases culturais.

Ao referir-se ao sentido humano da Doutrina Espírita, Chico Xavier fez uma digressão para afirmar a necessidade de encararmos os espíritas, e particularmente os médiuns, os divulgadores e os dirigentes espíritas como criaturas humanas e não como anjos. Voltando a tratar do problema educacional, ele acentuou de novo esse aspecto, lembrando que somos "seres terrenos" e precisamos de cursos para estudar a doutrina como "seres humanos".

Essa acentuação do problema cultural-espírita em termos humanos esclarece o erro, o engano dos que pretendem manter a educação espírita apenas em termos espirituais, como se não estivessem encarnados na Terra e não tivéssemos a obrigação de absorver a cultura do mundo juntamente com a cultura espírita, para que esta ilumine e amplie as dimensões daquela.

O Espiritismo não pode ser encarado como uma doutrina divina, desligada do contexto cultural terreno. Essa a razão porque “devemos esquecer as heranças menos construtivas das religiões tradicionais”, pois que elas estabeleceram uma divisão prejudicial entre a cultura religiosa e a cultura mundana. O Espiritismo não é apenas uma revelação espiritual, como esclareceu Kardec, mas uma dupla revelação, divina e humana, que se entrosa num processo histórico único e representa um momento de síntese da evolução cultural do homem.

Uma Escola de Espiritismo de nível universitário estabelece a fusão entre o saber humano e o saber espiritual que a Ciência do Espírito nos proporciona através do Espiritismo.

Por outro lado, essa escola superior, que se constitui de cursos regulares para a formação integral do “novo homem”, não pode funcionar de maneira aleatória, sujeita à disponibilidade eventual de professores diletantes, mas necessita de um corpo docente organizado em bases profissionais, da mesma forma que um hospital espírita precisa contar com serviços de médicos e enfermeiros profissionais, sob pena de não atingir a sua finalidade. Daí a afirmação de Emmanuel de que “precisamos encarar esse assunto com espírito de muito realismo”.

RUI E KARDEC

DEOLINDO AMORIM

(Presidente do Instituto de
Cultura Espírita do Brasil —
Rio.)

O fato de associarmos no título deste artigo duas figuras históricas situadas em configurações diferentes no tempo e no espaço, como é o caso de RUI e KARDEC, não quer dizer que estejamos forçando afinidades ou tentando comparar valores humanos indiscriminadamente. Não é bem isto o que desejamos fazer. Todavia, no ângulo em que os situamos, podemos justificar a aproximação. Não tiveram, evidentemente, a mesma origem nem a mesma formação e, por isso mesmo, se inclinam para duas polarizações de pensamento bem características.

Allan Kardec foi, antes de tudo, um homem voltado para os problemas filosóficos e a meditação, ao passo que Rui foi um homem de ação política, orador de projeção internacional (que o diga a vitória de Haia), inteligência afeita aos prélios jurídicos e às lutas abertas no jornalismo e na tribuna parlamentar. Tipo de vida muito diferente da vida que levou Allan Kardec. Quando se deu a desencarnação de Allan Kardec (1869), Rui Barbosa estava dando seus primeiros “vôos de águia” em defesa da abolição da escravatura, ainda estudante de Direito em S. Paulo, tendo-se formado em 1870, com o espírito já temperado nas grandes lutas de idéias, principalmente na atmosfera da Loja Maçônica a que bem cedo se filiara.

Habitado a enfrentar públicos diversos ou compactos, ora em recintos acadêmicos, ora no Senado ou diante de arquibancadas de comícios, não deixou, apesar disto, de ser um homem de gabinete infatigável no estudo. Se-lo-ia sempre. Rui não teve nem podia ter vida de recolhimento, enquanto Allan Kardec vivia de outro modo, tinha outro temperamento, embora fosse também um homem de ação, mas por outros motivos. Afinal, que termos de comparação podem existir entre Rui e Kardec?... Vamos ver.

Se é verdade, não nos esqueçamos disto, que não há duas criaturas humanas completamente iguais, também é verdade, em contrapartida, que é sempre possível descobrir um ponto de semelhança ou coincidência entre pessoas visivelmente diferenciadas, quer do ponto de vista étnico, quer do ponto de vista psicológico, e assim por diante. Por mais distanciados que estejam, histórica ou geograficamente, por mais acentuadas que sejam as desigualdades físicas, sociais etc., entre dois grandes homens pode haver alguma coisa de comum. Entre Rui Barbosa e Allan Kardec, apesar de serem muito diferentes as situações que ambos viveram, existem aspectos coincidentes. E não é necessário cometer distorções ou desfigurar os perfis para fazer esta observação.

Dois humanistas

Rui Barbosa, antes de tudo, era humanista. Allan Kardec também o fora, e dos mais legítimos. Além do jurista, do político, do jornalista e gigante do verbo, mestre que viveu sempre doutrinando e ensinando, sem jamais haver ocupado uma cátedra formal, Rui tinha cultura extensa, conhecia as fontes clássicas e ainda se distinguiu pelos estudos linguísticos. Não foi sem razão que se consagrou entre os verdadeiros puristas do vernáculo, principalmente por causa da famosa polémica com o filólogo Carneiro Ribeiro, baiano como ele, seu professor nos tempos de colégio. Há outra forma de humanismo, e também esta se afirmou na vida de Rui: a luta pelo homem. Sua

vida inteira foi um apostolado, uma doutrinação constante em defesa dos direitos do homem e dos princípios de humanidade.

Allan Kardec, do mesmo modo, embora fossem outras as motivações e circunstâncias. Tinha cultura clássica, saber polímorfo. E, como Rui também se aprofundou em conhecimentos linguísticos. Neste ponto, inegavelmente, é bem clara a linha de coincidência entre Rui e Kardec, na categoria intelectual dos verdadeiros humanistas. No que diz respeito ao interesse pelo homem como valor transcendental, que já é uma categoria moral, pois é o que se pode chamar **humanismo** de vivência, ninguém mais do que Allan Kardec procurou compreender, sentir e dignificar o homem, lutando o "bom combate". A luta de Rui, na defesa da política e do Direito, naturalmente não teve nem poderia ter os mesmos aspectos e as mesmas motivações da luta de Kardec, que se desenvolveu na esfera filosófica, visando ao plano do espírito. No fundo, porém, havia entre ambos uma preocupação absorvente: o melhoramento do homem, a "paixão da verdade", a moralidade dos costumes, a supremacia dos valores morais. Kardec não era tão contemplativo como às vezes se diz, embora fosse genuinamente um homem de pensamento, mas o certo é que tinha muita sensibilidade, muita acuidade para os problemas sociais.

Leituras espíritas

Há, no entanto, outro aspecto, ainda mais frsante em relação a pontos de contacto entre Rui e Kardec. Depois de haver lido muito, quase de tudo; depois de se haver inclinado para o Positivismo, de que se afastaria por divergências frontais; depois de tanta sondagem no emaranhado de doutrinas e filosofias, Rui Barbosa interessou-se por leituras espíritas, já na "idade madura", e aceitou claramente duas teses capitais do Espiritismo: a comunicação dos **mortos** e a reencarnação, apesar de os biógrafos (não se sabe porque...) terem feito silêncio até hoje neste ponto.

(No II vol. dos *Anais do Instituto de Cultura Espírita do Brasil* há um artigo, intitulado "O Espiritismo na cultura brasileira", no qual se transcrevem conceitos de Rui sobre esses dois princípios). Quem já leu a "Oração aos Moços", de Rui, há-de ter notado passagens em que a idéia de comunicação dos espíritos e reencarnação ou "vidas sucessivas" está inequívoca naquela luminosa peça oratória. E Rui ainda teve ocasião de assistir a sessões mediúnicas de caráter reservado. (Nosso confrade e jornalista Jorge Rizzini escreveu um trabalho neste sentido). Rui leu obras espíritas e fez anotações, como era de seu hábito. Se realmente não participou de nosso movimento ou não fez conversão explícita, é problema puramente pessoal, mas observou e abonou idéias espíritas. (*)

Idealistas da educação

O aspecto em que o pensamento de Rui ainda mais se identifica com Allan Kardec, queiram ou não queiram os críticos, é precisamente a educação. Allan Kardec viveu por toda a existência trabalhando pela educação, acreditava na influência regeneradora da educação como força social insuperável. Rui Barbosa também acreditava no poder transformador da educação. E não era um especialista, um pedagogo no sentido estrito da palavra, veja-se bem. Desde moço, como Kardec, Rui começou a sentir que a educação seria capaz de modificar o homem e a sociedade. Allan Kardec ainda era moço quando elaborou um plano de educação em profundidade, com repercussão nas

(*) Sérgio Valle, em "Silva Mello e os seus Mistérios", estudou a posição espírita de Rui. Em São Paulo o Prof. Ataliba Nogueira, em conferência na Faculdade de Direito da USP, relatou o episódio, de que foi testemunha, da recepção de uma mensagem mediúnica de William Stead, em Poços de Caldas, por Rui Barbosa. E comentou o conferencista: "Ele acreditava nessas coisas". Em crônica de Irmão Saulo, publicada no "Diário de São Paulo", esse curioso episódio foi transcrito, nas próprias palavras do conferencista. (Nota da Redação)

altas esferas da administração da França. Rui Barbosa tinha 33 anos quando apresentou seu ainda hoje falado parecer sobre a reforma do ensino no Brasil, em 1883. Tão percuciente, tão lucida foi a reforma proposta no projeto de Rui, que uma publicação da época (*Annuaire de Législation Etrangère*) chegou a dizer que até então ninguém havia apresentado trabalhos de tal ordem para estudo das Câmaras. Rui traduziu *Lições de Coisas*, de Saffrey, para uso nas escolas, e foi presidente da Liga do Ensino. De todas as reformas em que se empenhou, nenhuma teve mais ênfase do que a do ensino.

Não faltou quem o criticasse pelo fato de continuar aceitando, em plena República, o tratamento de **conselheiro** Rui, título que lhe fora conferido pelo Imperador, em 1884. Muita gente não sabe, entretanto, que esse título assinalava serviços realmente meritórios, pois o Governo imperial lho atribuiu, não em razão de favores políticos ou de condescendências bajulatórias, mas exatamente como preito de reconhecimento, em atenção aos serviços prestados à causa da educação. Rui nunca figurou na galeria dos medalhões do Império, mas aceitou o título de **conselheiro**, e com desvanecimento, uma vez que essa honraria não tinha o fito de "gratificar" dedicações pessoais, mas galardoar uma obra intensa, através de grandes campanhas pela reforma do ensino primário, secundário e superior, assim como o relevo que sempre teve a educação nos pronunciamentos mais solenes de sua vida.

Passemos a outro ponto. Allan Kardec dava cursos gratuitos em Paris, por amor a um ideal. Rui Barbosa ensinava á noite, em S. Paulo, quando estudante, também gratuitamente, a fim de elevar o nível intelectual do povo e preparar a campanha abolicionista. Havia, portanto, um ideal: a abolição do cativeiro no Brasil. Dois idealistas da educação. Kardec via na educação a mais profunda solução de muitos conflitos sociais. Rui chegava a encarar a educação como obra de caridade. Dizia ele: **Entre todas as obras pias, nenhuma se**

compara em piedade à criação de uma escola. No famoso "Credo político" de Rui, uma de suas maiores afirmações, o glorioso brasileiro declara com ardor que o ensino é o mais reprodutivo emprego da riqueza pública. E é verdade.

A educação moral

Allan Kardec exaltou a moral do Cristo, no momento exato, quando disse que, por tê-la adotado, o Espiritismo não precisaria criar moral nova; e, mais tarde, frisou ainda que os espíritos instrutores vieram não apenas confirmá-la, mas também mostrar a utilidade prática da moral ensinada e vivida por Jesus. Kardec enalteceu a influência da educação moral no equilíbrio social: "A falta de ordem e a imprevidência são duas chagas que só uma educação bem entendida pode curar. (Livro dos Espíritos — "Lei do Trabalho"). Mas não deixou de advertir que se referia à educação moral, a "arte de formar caracteres".

Rui Barbosa acreditava na regeneração moral da humanidade pelo Cristianismo. Rui, finalmente, deu muito realce à cultura da inteligência como base legítima do "governo do povo pelo povo". Allan Kardec preconizou a "aristocracia intelecto-moral", isto é, uma sociedade em que a moral esteja sempre aliada à capacidade. A competência sem a moralidade pode ser um perigo para a coisa pública, mas também a moral pura sem a competência pode levar a erros muito graves. Temos aí, em Rui Barbosa e Allan Kardec, dois tipos de homens diferentes em relação à época e ao meio em que viveram, mas dois espíritos que afinam muito bem no valor que atribuem à educação. E não tenhamos dúvida de que, como dizia Leopoldo Machado, "O Espiritismo é obra de educação".

TRANSCENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO ESPÍRITA NA COMUNIDADE

DR. PEDRO A. BARBOSA DE LA TORRE

(Presidente da Federação Espírita Venezuelana —
Maracaibo.)

I — Teorias materialistas da educação: o homem biológico, o homem social, o homem psíquico.

A educação e a conduta reflexa e adquirida.

A educação é um processo social geral, que se realiza em nós desde o berço até o túmulo. Participam nela nossos pais, irmãos e vizinhos e posteriormente os mestres e professores. Não ficam excluídas outras pessoas que como artistas, vigilantes da ordem pública, jornalistas, locutores, escritores, etc., nos comunicam conhecimentos que aproveitamos para a nossa formação.

A educação é parte essencial do processo civilizador e garante para cada geração a transmissão de quanto foi feito e pensado pelas anteriores.

Assim, a educação realiza o essencial para a continuidade social e é o fundamento da tradição, sem a qual não haveria memória institucional.

Graças à educação nada se perdeu das conquistas intelectuais, dos descobrimentos científicos, nem dos inventos. Não seríamos seres humanos se não tivéssemos este processo; porque o homem se humaniza na sociedade precisamente pela educação.

O homem é, como afirmara há muitos séculos Hermes Trimegisto. uma tríade; isto é, a conjunção harmoniosa de três seres em um: o biológico, determinado por instintos; o psicológico, pensante e dotado de liberdade para decidir, e o social, constituinte de um mundo solidário de seres integrados na essência humana. Para cumprir sua missão, que é a conquista do aperfeiçoamento animico, o homem tem de aperfeiçoar seu ego para dominar com a Inteligência os seus mais exigentes instintos. Assim conseguirá superar-se no reino espiritual na medida em que submeta as forças e os apetites que conserva como indivíduo do reino animal; conquiste o reino mineral para obter dele quanto demanda seu progresso material, e estabeleça um uso racional do reino vegetal.

Quatro reinos, e não três compõem nosso Universo. O espiritual sempre foi o mais importante; porém isto não foi reconhecido por todos, nem se compreendeu sempre.

O materialismo, isto é, a interpretação dos seres e da vida como realidade intrascedente que limita a verdade apenas à matéria pesada tridimensional; que nega a essência espiritual do homem e não concebe a alma como um ser individualizado, personificável e imortal, entende a educação como a conquista de um repertório de conhecimentos úteis para assegurar uma vida de relação sem penúria. Inspiradas nela, nasceram sempre teorias políticas e econômicas que lançaram uns homens contra os outros, atribuindo os males da Humanidade a causas exclusivamente terrenas, materialistas intrascedentes. Políticos alemães e franceses, principalmente, inspiraram as normas para uma educação semeadora de ódio de classe, de discriminação e perseguição.

Para eles não houve senão dois tipos de educação. A sistemática ou dirigida; desenvolvida com programas e preceptores capazes de conseguir o tipo humano que convém ao Estado, e a difusa ou reflexa, resultante de quanto ensinam os livros, a imprensa, a radiodifusão e a conduta reflexa. A Igre-

ja controlou ou monopolizou sempre a educação na Europa, condicionada às suas crenças e interesses. Contra essa educação fanatizada, que buscava formar um homem preso à concepção pessimista do pecado original, acuado pelas paixões e ameaçado por Satanás, foram dirigidos os esforços conjuntos dos educadores materialistas.

2 — Caracteres da educação religiosa tradicional. A nova consciência que adquire o homem mediante o aprofundamento do conhecimento espiritual e seus fenômenos. Superação da religiosidade.

Os mais remotos antecedentes da História da Educação nos revelam que o ensino foi uma tarefa dos pais no seio da família; mas no Egito, Bisâncio e Roma, por exemplo, existiam profissionais da educação que instruíam os filhos das elites privilegiadas. A educação compreendia o aprendizado de vocabulários, tradições, música, destreza, artes domésticas e militares. Quando se fundou a Igreja Cat. Apos. e Romana no século IV de nossa Era, havia já antecedentes de uma educação cristã, que aproveitou mais tarde à educação católica.

Para assegurar a salvação das almas e a hegemonia eclesiástica, o sacerdócio monopolizou na Europa a educação dos menores. A mesma Igreja fundou as primeiras Universidades no século XII, que só ensinavam o que convinha ao conceito religioso da vida e aos interesses do Catolicismo. A educação ensinava a viver para morrer. A aprendizagem era uma permanente preparação para saber evitar as tentações e para manter a alma no caminho da salvação eterna. Ao lado disto, a complexa e eficaz maquinaria do Tribunal do Santo Ofício perseguia e destruía os homens livres-pensadores e seus escritos, condenados por ímpios ou denunciados por heresia.

Os ensinamentos das filosofias e religiões orientais eram desconhecidos pelas massas da

Europa e ainda pela grande maioria dos homens ilustres e de ciências; porque uma pesada cortina havia mantido oculta aquela sabedoria aos olhos dos europeus. Mas aquele véu se rasgou. Os viajantes que alguma vez foram ao Oriente e voltaram, contaram as maravilhas que haviam visto, ouvido e vivido. Os estudiosos foram presos da curiosidade, mãe da investigação e da ciência, e o olhar dos homens inteligentes se voltou para o Oriente. Academia deriva de acadmus (vindo do Oriente) e de lá soprou a brisa que refrescou a pesada noite medieval para dar lugar ao Renascimento. Renasceu na Europa a liberdade com novas ciências, artes e concepções. Sobretudo, foi decisivo para a educação e Renascimento Italiano.

Era o século XV. Em Florença primeiro, em Milão depois, e assim em muitas outras partes da Itália, antes de se difundir a boa nova por Paris, Estocolmo e Alemanha. Uma nova educação havia nascido. Pablo Toscanelli, Américo Vespúcio e Leonardo da Vinci foram os precursores das Universidades laicas que buscaram a unidade dos homens inteligentes mediante a diversidade de conhecimentos e crenças. Esta revolução universitária chegaria mais tarde a outros ramos da educação e o laicismo reclamou de cada qual a sublimação individual. No século XIX na Suíça, o sábio pedagogo Pestalozzi inauguraria seu famoso sistema de ensino; que cada criança seja estimulada com perguntas, usando-se o método sócrático, e que pense. O que importa é saber pensar. O fundamental é educar a inteligência, tanto ou mais que a memória. O homem está destinado à sabedoria e o saber não ocupa espaço. O educando deve aprender tudo. O homem é um composto de natureza e de cultura. A cultura deve ser superior à natureza. A religiosidade é questão de consciência e cabe a cada qual o seu lugar na Igreja. A escola é para a ilustração, as artes e a ciência.

Aluno de Pestalozzi foi Hipólito Denizard Rivail (Allan Kardec). Mais tarde, quando Pestalozzi teve de permanecer vários anos afastado de seu

Instituto, o senhor Denizard Rivail dirigiu o estabelecimento. Por isso, quando Kardec se converteu no Codificador do Espiritismo, suas obras se apresentaram como magníficos manuais didáticos escritos com conhecimento do sistema pestalozziano. Também por isso Kardec é o livre pensador que concebe a educação como processo liberador das consciências, emancipador do homem, laico e ao serviço do aprofundamento do conhecimento espiritual.

3 — A tese educacional espírita como orientadora de uma reforma educativa de caráter transcendente. A primazia do conhecimento subjetivo e transcendental do educando.

Existe agora algo novo, que é o Saber Espírita. Ele nos tem proporcionado novas realidades, que podemos sintetizar em 4 verdades:

1 — Existe um reino espiritual, regido por leis como os demais.

2 — A vida corpórea é uma etapa repetida e inevitável na evolução do espírito.

3 — O conhecimento científico e a conduta moral são os meios de que se vale o espírito para o seu progresso.

4 — O conhecimento de si mesmo é a condição e o ponto de partida para a auto-educação do espírito.

As contribuições do Saber Espírita obrigam a uma revisão dos conhecimentos anteriores do gênero humano, pois contêm uma escala de valores que era desconhecida e proporciona a demonstração científica de fatos que sempre foram considerados mera credulidade ou ficção. É preciso reavaliar as verdades indiscutíveis da fé teológica e também a das ciências materialistas e oficiais, e até mesmo vivermos a urgência de adotar um sistema de educação cujo impulso esteja em uma tomada de consciência, primeiro resultado do conhecimento subjetivo.

Não se trata de subestimar a sabedoria pré-espírita ou pré-kardeciana, porque o Espiritismo é o primeiro a reconhecer que aqueles conhecimentos anteriores são a base para a construção do novo edifício pedagógico. São estes os pressupostos da reforma educativa que o Espiritismo propõe, e cuja obra é mais de seres humanos conscientes do que de refinados técnicos da computação.

4 — Metodologia educativa do conhecimento espírita, que inclui as leis de progresso e evolução dos espíritos. Sobre supervivência, reencarnação e responsabilidade.

Sem dúvida também já existe uma metodologia para o ensinamento do Espiritismo, que tem em conta o grau de evolução e maturidade do educando. Dispomos de suficientes elementos de juízo para compor um *currículum*, um pensamento adequado às variáveis e exigências de cada localidade, assim nos proponhamos a realizar um trabalho educativo gradual permanente, como de reorientação ou de reatualização. A Confederação Espírita Panamericana desde 1969 tem feito valiosas e significativas contribuições a este campo.

É preciso utilizar para a educação espírita das crianças uma metodologia que tenha presente a natureza dúctil e influenciável da personalidade do menor. Nesta etapa da vida devem semear-se os ingredientes formativos da personalidade e a educação não deve limitar-se somente às explicações didáticas, senão combinar habilmente o exemplo familiar, a atmosfera afetiva do lar e da vizinhança, a disciplina austera e racional que proporciona o carinho e a instrução na aula periódica do Centro Espírita.

Mas a educação das crianças só pode ser confiada a quem conheça o nível e a temática correspondentes: porque o ensinamento da criança não pode ter o rigor que caracteriza a formação espírita do adulto. Não basta a intenção do ins-

trutor para chegar até à consciência do pequeno. Somente logra aceitar quem sabe colocar a mensagem em um adequado marco de referência.

O ensinamento não deve propor-se unicamente a informar: porque é forçoso ter presentes as leis do progresso e a evolução. Deve-se saber estimular no educando a atividade do inconsciente, enriquecido nas sucessivas reencarnações.

Terá de ser uma educação dirigida especialmente à compreensão da supervivência, da reencarnação e da responsabilidade do espírito pelo uso do livre arbítrio.

5 — Avaliação comparativa dos resultados da educação científico-materialista, científico-religiosa, e científico-espírita.

Se se faz uma avaliação de conteúdo e também outra de resultados, entre os 3 tipos significativamente predominantes de educação, — a materialista, a religiosa e a espírita, — ressaltam as muitas vantagens da última.

A educação científico-materialista, partindo da negação da alma como ser subsistente individual, pre e supervivente à vida corpórea, nega sistematicamente a vida espiritual e dá aos fenômenos psíquicos uma interpretação imanente. A vida, segundo esta orientação, não possui segredos nem valores eternos. A formação de cada indivíduo implica somente a transmissão de conhecimentos que, quanto mais anti-religiosos e irreverentes, resultam mais científicos. A ciência, para fazer jus ao respeito e à dignidade que lhe cabem, deve negar a existência do ser supremo e do reino espiritual. Tudo que estiver vinculado a uma cousa ou inteligência universal, a uma concepção ou crença no Além, é estranho à ciência e serve apenas para manter a dominação eclesiástica.

Por sua parte, a educação científico-religiosa ocupa o outro extremo. A ciência, para ser tal, há de ser a primeira em admitir a vida divina, a providência, o sobrenatural e o celestial. O espiri-

tual, além de transcendental é inalcançável para o homem. A formação dos indivíduos estará determinada pela necessidade de fazer do homem, primeiramente um crente e um devoto. A religião e não a ciência é que deve ser à primordial. A ciência ha de sacrificar seus conhecimentos, se for necessário, para conservar a credulidade. As ciências são revelações de Deus.

Nossa educação, por sua vez, compreende e explica a existência e realidade de dois mundos, o corpóreo e o espiritual; de duas interpretações, a religião e a ciência; mas de uma só substância, a matéria * e de uma só verdade, a que entendemos e compreendemos com a denominação de Pai Universal. As religiões ocultam a verdade, a distorcem e em vão tentam negá-la; mas, no fundo encontramos, em cada uma, algo dessa verdade. As ciências explicam verdades relativas; a investigação científica busca e acha essas verdades e as proporciona às ciências, mas para acercar-se da verdade que tem forma de conhecimento, dispõe o homem de dois sentidos, a razão pura e a meditação lógica, por uma parte, e a razão prática e a experimentação técnica-metódica, por outra.

O conhecimento espírita, que é o conteúdo da educação científico-espírita, se alcança pela meditação, a experimentação e a revelação. É laico, enquanto não é uma religião nem impõe uma religião positiva, nem serve a uma religião, mas ser laico não é ser ateu. O Saber Espírita é laico, mas não é ateu. A educação espírita não busca fazer do indivíduo um místico ou um santarrão, mas tampouco um homem indiferente aos problemas transcendentais do ser. Em nossa educação conhecimentos e ensinamentos proporcionados, adequadas à realidade físico-biológico-social do homem, transmitem conhecimentos alcançados por quem tem os pés na terra e a cabeça dirigida ao céu; mas transmitem também sentimentos inspirados

(*) Devia ser: uma só substância, *espírito-matéria em interação*, de acordo com a doutrina espírita. (Nota da Redação.)

no mais puro ensinamento de simplicidade e humildade.

Não sabemos se alguém, alguma vez, tenha feito uma avaliação quantitativa destes três tipos de educação, e cremos que tampouco ninguém a tenha realizado qualitativamente, mas tal como se vêm dando os acontecimentos científicos mais recentes e a julgar pela opinião de cientistas reverentes e eminentes, como Albert Einstein, Alexis Carrel, Carlos Imbassahy e Leconte du Nouy, a melhor educação é a que deixa de lado a soberba e a intolerância. Carrel escreveu em seu livro *A Conduta na Vida* (pág. 266): “Dependemos completamente dos demais homens. Dos que vivem conosco e sobretudo dos que nos precederam. Porque a sociedade se compõe dos mortos o mesmo que dos vivos”. E mais adiante disse: “O futuro pertence aos que arriscam tudo por um ideal. A sabedoria não consiste em viver para não fazer nada, para divertir-se estupidamente, para ganhar dinheiro, para ter um retiro. A sabedoria consiste em viver heroicamente. Aos olhos da juventude democrática o heroísmo é uma loucura. No entanto, esta loucura é a única que produz.”

Leconte du Nouy explica o exagero da educação científico-materialista com estas palavras que encontramos em seu livro *O Destino Humano*: “O rápido desenvolvimento da parte material da civilização havia despertado o interesse do homem e a mantinha em uma espécie de latente expectativa pelo milagre que dela poderá surgir. Pouco tempo restava para resolver os verdadeiros problemas, que são os problemas humanos. Os homens se achavam hipnotizados pelo desenrolar incrível de novas invenções, que se sucediam quase sem interrupções desde 1880. e se comportaram como as crianças que, ao encontrar-se pela primeira vez em um circo, ficam fascinadas e até se esquecem de comer e beber.

Uma coisa parece definitiva. Com os argumentos sentimentais e tradicionais das religiões não se destruirá jamais o ateísmo. Tais argumentos foram bons quando as massas eram ignoran-

tes. A educação científico-materialista utilizou a ciência para combater a religião. Esta tem seus defensores, mas ao atacar-se a religião negou-se o reino espiritual e este é o que o nosso Movimento deve defender com a arma da ciência que o Espiritismo pôs em nossas mãos. Depois de 116 anos de ciência espírita temos acumulado um capital científico que é possível utilizar com boas consequências.

A educação científico-espírita é o lógico equilíbrio entre os exageros das outras orientações educativas. Mas o problema é o homem. A educação nos faz seres humanos. Se essa educação é científico-materialista, obtemos um homem afastado de seu destino transcendental, se é científico-religiosa, conseguimos um homem igualmente afastado da verdade, mesmo que envolvido em muitas crenças.

6 — Filosofia da Educação. Importância e necessidade desta no futuro da humanidade e na formação social e moral das próximas gerações.

Filosofar é perguntar: a filosofia é a eterna interrogadora, mas todo indivíduo que formule uma pergunta sobre o conhecimento a concebe de acordo com sua experiência pessoal da vida. No entanto, a experiência não se limita sempre a um assunto meramente privado; porque ela é o que temos apreendido ao viver com outras, como um processo de vida onde estamos comprometidos muitos, as instituições e o ambiente.

Conhecemos três tipos principais de educação, enquanto ao momento da comunicação do educador. A **prefigurativa**, que ensina antes de viver-se a experiência, para que o educando saiba como atuar quando chegue a situação; a **posfigurativa**, que ensina para que se entenda a experiência já vivida; e a **configurativa**, que ensina ao mesmo tempo que a experiência que se vive. O sistema educativo que utilize e combine os três tipos seria o melhor. Mas só agora é que se entende a utilida-

de da Filosofia da Educação. Qual é o melhor modo ou o melhor sistema de ensino? A Filosofia da Educação ajuda o educador para adquirir consciência deste problema e selecionar o melhor modo. Esse auxílio é dado para que o educador possa: a) Criticar com êxito as hipóteses, teorias e sistemas; b) Esclarecer os objetivos pedagógicos; c) Avaliar criticamente os diversos métodos e as diferentes técnicas da comunicação docente.

São dois os aspectos principais do problema filosófico-educativo: o psicológico e o institucional. Qual é o conteúdo que deve transmitir o educador? Quais os ideais que devem ser servidos? Quais os erros que a educação deve destruir? O que devemos educar: o corpo, a alma, ambos? Como aprende a criança e como assegura o mestre a percepção de sua mensagem?

Por tudo isto estamos ante uma disciplina de muita importância para entender a evolução e a transformação da humanidade e mais ainda para saber como facilitar o trânsito da nova geração em direção às novas formas de vida.

Ante o desenfreado da luxúria; ante este suicídio coletivo que protagonizam tantos jovens, qual deve ser a meta imediata da educação? Como haveria de ser explicada a mensagem espírita aos jovens, para que desejem ouvi-la e para que a aceitem?

Assim se vê muito claro nosso interesse por estes problemas. Os da geração jovem, os da educação, os do Espiritismo como ciência, doutrina e movimento.

E agora o que?

Com efeito, quais são as conclusões. São muitas, mas não podemos exagerar as possibilidades de solução, nem ainda estamos em condições para que os governos e os pedagogos nos ouçam. Podemos propor as seguintes conclusões:

1.ª) O Espiritismo tem já experiências e enfoques que devem ser insistentemente difundidos para que sejam conhecidos e criticados pelos pedagogos. Em tal sentido recomenda-se às Federa-

ções e associações às filiadas e adesas a difusão destas idéias, por escrito e por meio de conferências.

2.^a Recomenda-se também às Federações e associações espíritas incorporarem aos cursos de treinamentos para dirigentes o estudo crítico da transcendência da educação espírita na comunidade.

3.^a Recomenda-se à C.E.P.A. intentar uma investigação que permita recolher suficientes elementos de juízo para julgar o grau de influência que os ensinamentos do Espiritismo hajam exercido na atual orientação da pedagogia mais comumente aceita, a organizar, como parte de um dos futuros Congressos da C.E.P.A., um simpósio sobre o assunto, onde se possa informar sobre os resultados obtidos.

(Tese apresentada pelo autor à V Conferência Regional Espírita da C.E.P.A em Mar del Prata, Argentina, convocada e realizada para examinar o problema da Educação Espírita.)

NOVA ERA

CARMEN CINIRA

Glorioso Exército de Luz espera
A oportunidade, já tão perto,
De reencarnar em nossa humilde esfera
Pra colocá-la, enfim, no rumo certo.

Aproxima-se a augusta Nova Era
Em que o globo será, enfim, liberto
Das paixões que transformam a alma em fera,
Como um leão faminto no deserto...

Nas Artes, na Política, na Ciência,
Em tudo ver-se-á uma consciência
A refletir o amor que Deus encerra.

Glória ao Pai, ao Criador dos Mundos! Glória,
Que em breve vai se ler na Humana História
O triunfo de Cristo sobre a Terra!

(*Psicografia de Jorge Rizzini*)

JORGE RIZZINI acaba de lançar, pela Lake, a *Antologia do Mais Além*, com introdução crítica de Herculano Pires. Nessa introdução o conhecido crítico dos "Diários Associados" de S. Paulo estabelece curiosas comparações estilísticas e temáticas entre os poemas mediúnicos e os escritos pelos poetas em vida, mostrando os elementos identificadores dos autores espirituais e acentuando os aspectos novos que decorrem da situação nova e transcendente dos poetas em sua existência de além túmulo.

A contribuição psicográfica de Rizzini para a poesia mediúnicamente em língua portuguesa é um dos fatos mais recentes e surpreendentes da nossa atualidade espírita. Já na antologia intitulada *Castro Alves Fala à Terra*,

lançada pela Edicel no ano passado, como participação espírita nas comemorações do centenário da morte do poeta, as mensagens recebidas pelo médium Rizzini, ao lado das recebidas por Chico Xavier e Waldo Vieira — impuseram-se ao respeito do público e da crítica. Este soneto de Carmen Cinira, inédito, que hoje publicamos, vem reafirmar a posição do médium nas letras espíritas.

Aproveitamos esta oportunidade para recomendar aos nossos leitores esses dois livros citados, que representam inegavelmente duas obras de grande significação no movimento espírita brasileiro, não só pelo seu conteúdo doutrinário e seu valor poético, mas também pelo que representam no enriquecimento da nossa bibliografia espírita e no reforço, às provas da comunicabilidade, o que vale dizer nas provas da supervivência humana após a morte.

O escritor Raimundo de Menezes, presidente da União Brasileira de Escritores, Secção de São Paulo, escreveu uma carta a Jorge Rizzini, considerando "Antologia do Mais Além" um livro perturbador, que exige apreciação das instituições representativas de nossas letras. Sugeriu, nesse sentido, a remessa do livro à Academia Paulista de Letras e à UBE, com solicitação do médium para que o mesmo seja examinado por comissões especiais dessas entidades.

Considerando a apreciação já feita por Herculano Pires no prefácio — em que o prefaciador reclama a atenção dos críticos para a poesia mediúnica — Raimundo de Menezes encarece a importância desses pronunciamentos oficiais, ao mesmo tempo que reconhece individualmente o valor das composições poéticas reunidas no volume.

A atitude de Raimundo de Menezes, escritor, historiador da nossa literatura e autor do "Dicionário Literário Brasileiro Ilustrado", em cinco volumes, vem juntar-se aos vários pronunciamentos feitos por outros escritores e poetas ilustres à poesia mediúnica de Chico Xaxier.

Temos razões para acreditar que os nossos meios literários estão finalmente se abrindo para a compreensão da realidade mediúnica do nosso tempo.

POBRE MULHER POBRE...

DRA. MARIA JULIA PEREIRA DE MORAES PRIETO PERES

(Membro da Associação Brasileira de Escritores Médicos.)

A pele parda e as faces enrugadas,
Tendo no olhar uma expressão de dor,
As vestes sujas, velhas, amassadas,
Que exalam cheiro forte de suor,
Refletem o semblante de amargura,
E a grave inquietação de uma mulher,
Que leva ao posto de puericultura
O nenê que apresenta um mal qualquer.
Tem oito filhos e está ainda esperando
Outra criança dentro de dois meses;
O caçula, só agora é que está andando
E tem sofrido múltiplos reveses,
Pois já esteve internado no hospital,
Nos dias quentes do último verão.
Onde passou intensamente mal,
Quase morreu com desidratação;
Agora, acometido de bronquite,
Tão pálido, distrófico e abatido,
As verminoses tiram-lhe o apetite
E a tosse agrava-lhe o tênue gemido.
Mas a mulher que leva a consultar
Este lactente, que é o seu filhinho,
Tem outros no barraco a reclamar
De fome, frio, e falta de carinho.
São tantas as crianças a cuidar,
E sempre a maioria está doente,
Que não há tempo para vacinar
E pôr na escola esta porção de gente.
O marido, servente de pedreiro,
Ganha "o salário" numa construção;
Acomodou-se e gasta seu dinheiro
Com remédio, com pinga e com feijão.
E o triste olhar desta mulher sofrida,
Que luta tanto em sua ignorância,
Parece suplicar à própria vida,
Um pouco mais de amor e tolerância.
Se nós pudermos *educar* nesta hora,
Num trabalho cristão, num gesto nobre.
Haveremos de dar alívio, agora,
À triste dor da pobre mulher pobre...

POBRE MULHER RICA...

(Menção honrosa no concurso de contos e poesias da Associação Paulista de Medicina, em novembro de 1972, obtiveram estes poemas.)

A pele clara e muito bem cuidada,
Tendo no olhar uma expressão de dor,
Traje moderno e sempre bem penteada,
Com perfume francês de suave odor,
Uma mulher aflita está à procura
Do psiquiatra, que lhe possa dar
Um calmante que abrande a sua amargura
E orientação ao tumultuoso lar.
Só tem dois filhos moços, muito fortes,
Não tiveram problemas de saúde,
Praticantes assíduos dos esportes,
Têm tudo o que deseja a juventude:
Dinheiro fácil, carro, roupas caras,
Garotas moderninhas, bem "pra frente",
"Moto", corridas e em ocasiões raras,
Viagens ao exterior, com muita gente.
Entretanto, não têm grande pendor
Ao estudo, e foi bem árduo o ingresso
Em uma faculdade do interior,
Mas só pretendem título e sucesso.
E nesta fase, numa vida mansa,
Um dos jovens foi preso a traficar
O tóxico que o vício não se cansa
De vir constantemente incentivar.
O outro rapaz está junto aos vigiados
Suspeitos de trabalhos terroristas.
— Como podem seus filhos, bem formados,
Desvirtuarem-se assim, nas suas vistas?
esta mulher que é mãe está sofrendo;
O marido só pensa em trabalhar
Para ganhar dinheiro e estar provendo
Uma outra casa e o seu próprio lar.
E o triste olhar desta mulher sofrida,
Que está enfrentando múltiplos problemas,
Parece suplicar à própria vida
Que as suas lutas sejam mais amenas.
Se nós pudermos *educar* nesta hora,
Num trabalho cristão, que vivifica,
Haveremos de dar alívio, agora,
À triste dor da pobre mulher rica...

INSEGURANÇA E MEDO

VALERIO GIULI

(Professor e diretor da Secretaria do Trabalho do Governo do Estado.)

Já se disse com certa graça talvez, que o homem de hoje, sobretudo nos grandes centros de população, não vive, agita-se, ou melhor, é agitado por todos e por tudo. E aí está a realidade para ser examinada.

Não há tempo para mais nada. Os dias têm menos horas, as semanas menos dias, os meses são mais curtos e os anos passam depressa. Todos ficam assustados com isso, trocam idéias apressadas a respeito, falam pouco com os outros, pois não há tempo e... correm, agitam-se para realizar um trabalho que está sempre atrasado ou uma tarefa que não termina nunca.

É o progresso, a luta pela vida, a busca de um lugar ou sol, a competição que nos colocam quase na situação de máquina produtora e que não pode parar. Esta vida agitada provoca preocupação constante e a preocupação gera situação de insegurança e medo.

Ninguém quer falhar e todos têm medo de parecer ridículos diante dos outros. Os problemas se acumulam, as tensões aumentam, a inquietação toma conta das pessoas a insegurança surge e o medo passa a ser uma constante na vida.

E esta situação ruim, provocada pela insegurança e pelo medo, está sempre presente como a gente em toda a parte. No trabalho, no divertimento, no descanso.

Quando vamos dormir ela está ao nosso lado, marcando as horas que deveriam ser de repouso, de desligamento, num tique-taque tremendo, formando um clima interior que nos faz levantar de manhã cansados, intranquilos, inseguros. Vendem-se tantos ou mais tranquilizantes do que caramelos, e as bolinhas, os tóxicos são apresentados como fuga a essa realidade.

Que está realmente faltando ao homem para que possa ter um pouco mais de tranquilidade, de segurança? Acreditamos ser a FÉ.

É preciso crer em Alguém, ter amor por uma causa, lutar por um ideal, saber que uma atitude positiva de doação aos outros traz tranquilidade, segurança, afugenta o medo. E tudo isto se reflete em nossas vidas, nas nossas atitudes e forma a nossa imagem. E é de imagens positivas que estamos precisando, principalmente os jovens, nossos filhos nossos alunos. Eles são capazes de perceber imediatamente quando pais e mestres são inseguros e isto gera clima de desconfiança, de afastamento, de insegurança e de medo. Não ajuda a educar, a formar homens.

O remédio para isto não pode ser coletivo, dado a todos indistintamente. Ele deve ser para cada indivíduo, e no indivíduo, de dentro para fora. A paz interna gera segurança e é capaz de transmitir confiança, tranquilidade, amor.

Os filhos devem receber dos pais e mestres esta imagem para que possam agir com firmeza, sem receio da opinião dos outros e sem desprezar a convivência social. Já se disse que um dos males dos dias de hoje é a solidão que pode aparecer no isolamento que os outros nos provocam, ou no isolamento que nós mesmos nos provocamos.

É preciso caminhar um pouco mais para dentro de nós mesmos, sem com isto provocar isolamento. É necessário reexaminar todas as potencialidades espirituais que estão à espera de um toque para despertar. É preciso ter mais FÉ em nós mesmos, nos outros, para criar situações de relacionamento construtivo e fraternal.

Este é um dos caminhos para afastar a insegurança, o medo, aquele medo que levou um soldado, no retorno da guerra e ao ser interrogado, a responder: "Eu tive medo de ter medo, mas não tive medo".

Eles estão observando e não convém que pais e mestres falhem. É preciso ter FÉ nisto também.

AS IDADES QUE INFLUEM NA FORMAÇÃO DO HOMEM

EMILIO MANSO VIEIRA

(Do Instituto Espírita de Educação
— S. Paulo.)

Iniciando com o presente artigo, pretendemos apresentar um estudo desprezioso, com base no Espiritismo, sobre o assunto em epígrafe.

Para a sua desenvoltura torna-se necessário partirmos da base fundamental que é a criança e os conceitos que se firmam a seu respeito.

- 1) Quem é a criança
- 2) Conceitos gerais

1 — Quem é a criança — O adulto é o resultado da infância como a árvore é o produto da semente. Analisar a criança na sua essência e no papel que desempenha na sociedade, sem cogitar da sua origem, é trabalho infrutífero.

A criança tem sido para os adultos um ente desconhecido. Geralmente é encarada como um pequeno ser que Deus nos confiou para alegrar o nosso lar e merecer o nosso amor apaixonado. Costumamos encarar a criança como um entezinho que necessita de alimento, agasalho, distração e que tem necessidade de saber lêr, com a finalidade de se projetar na vida com uma profissão rendosa. Estas concepções a respeito da infância têm sido repetidas em todos os tempos, sem contudo lograr-

-se maior penetração no campo espiritual, onde reside a origem de todos os fatos.

A criança influi tão poderosamente na vida dos adultos que estes chegam algumas vezes a modificar totalmente o ritmo da sua existência. Quando os filhos adoecem, os pais mobilizam todos os recursos ao seu alcance no sentido de atendê-los. Uma criança põe um lar em polvorosa, irrita os ânimos, esgota a paciência dos que a rodeiam. Entretanto, não perde o amor que os familiares mais próximos lhe devotam. Esses fatos demonstram existir entre ela e os adultos alguma coisa superior, compromissos e responsabilidades que ultrapassam o plano físico.

2) Conceitos gerais

- a) Conceitos materialistas
- b) Conceito religioso
- c) Conceito reencarnacionista

a) **Conceito materialista** — Segundo o ponto de vista materialista a criança é gerada por funções celulares havendo apenas atos materiais que presidem a sua formação. O fator biológico é o único responsável pelo nascimento do ser em apreço. A vida é a continuação da função biológica que adquire movimento e independência. Para o materialista a criança é desgraçada, inteligente, feliz boa ou má em decorrência da hereditariedade. Aplicam a mesma regra a todos os casos, porque entendem que a criança é exclusivamente matéria, podendo ser moldada como entenderem.

Tentam afirmar que o amor votado pelos pais é em consequência de serem os filhos sangue de seu sangue, conservando as características hereditárias. Que as células dos pais se prolonguem nos filhos, transmitindo-lhes sua aparência física e enfermidades materiais, é ponto pacífico, porém as qualidades morais, os pendores e a inteligência, escapam a essa regra. Dizem ainda os conceitos materialistas que, devido à similitude celular, os

sentimentos se tornam idênticos, disso resultando o amor dos pais para com os filhos e vice-versa.

Contraopondo-se a essa teoria há os casos que se evidenciam de maneira tão profunda, que por si sós destróem as argumentações materialistas a respeito da criança. Bastaria citarmos os casos de crianças adotivas, às quais pessoas estranhas, tomando o lugar de seus pais, devotam-lhes amor igual àquele consagrado pelos pais legítimos. De onde provira êsse amor? Das células paternas? Como explicar se os pais adotivos não as transmitiram ao seu tutelado? De onde vem o senso de responsabilidade dos que adotaram crianças dedicando-lhes um amor tão acendrado e recíproco que suplanta, as vêzes, o afeto verificado entre pais e filhos consanguíneos?

Os conceitos materialistas tentam ainda afirmar que tais casos se explicam pelo convívio que gera o afeto. Entretanto, há mulheres que recebem nos braços crianças alheias e daí há poucos dias ninguém é capaz de lhas arrebatá-las do regaço. A sua ternura espontânea e a sua alegria repentina demonstram que encontraram alguém de há muito esperado que já lhe constituía o encanto de viver. Isso prova que o sangue não gera sentimentos e as células não transmitem amor.

b) **Conceito religioso** — O conceito religioso sobre a origem da criança é o mais generalizado; o que menos esforço exige e de aplicação mais simplista. Para a generalidade das religiões a criança é composta de corpo e alma, esta criada no instante do nascimento daquela. Nenhuma alma traz o produto do passado porque a vida na Terra se limita a uma única existência. As desigualdades de temperamento, as aptidões, os sofrimentos e enfermidades, tudo isso foge à cogitação humana; é da alçada exclusiva de Deus. Se o criador faz umas para o mártírio e outras para a glória é porque Ele assim o quis. As grandes inteligências, como os que se santificam, receberam esta graça no instante de nascer. A criança,

no conceito religioso, é uma alma criada com pecados e com um destino já traçado de maneira inalterável.

Na sua fase infantil, a alma ainda ingênua e amoldável só tem um caminho para a salvação: é ser sempre dirigida, sem nunca procurar conquistar conhecimentos fóra do âmbito da fé imposta.

O conceito religioso sobre a origem da criança, alma e corpo criados no mesmo instante, com tendências e aptidões tão adversas, é uma aberração à idéia de Justiça e Sabedoria Divinas. Pelo conceito religioso não se pode entender a criança porque a sua origem pertence aos desígnos do Criador. Não podendo entendê-la, jamais poderemos estudá-la e muito menos estabelecer métodos que atendam às suas exigências mais prementes.

c) **Conceito Reencarnacionista** — Pelo conceito reencarnacionista temos as seguintes conclusões:

A criança é um espírito que já viveu em outras existências. Espiritualmente não é produto de hereditariedade e nem tão pouco uma criação especial nascendo juntamente com o corpo. Como espírito já vivido, traz do passado as suas tendências, virtudes ou defeitos, como também inúmeras experiências. Reencarnando, a sua memória é readaptada a uma nova fase de vida, submetida a um trabalho que substitua ou aprimore o que acumulou no passado. Não é um ser que se ajusta docilmente às exigências do adulto, a não ser quando este lhe proporcione ambiente de maior atração, que supere a bagagem de origem.

Sendo um espírito com vontade própria e com inclinações já definidas sobre determinandos problemas, não se pode amoldá-lo como se faz com as massas no preparo dos vasos. Muito embora o espírito encarnado na criança já traga do passado as suas tendências, a sua personalidade, elas se modificam ao contato da nova existência quando existe uma força a guia-las para outros caminhos.

Resumo

Do ponto de vista materialista, a criança necessita apenas de alimento, regime e disciplina. A inteligência se desenvolve de acordo com a herança.

O princípio moral, para esse conceito, não passa de acidente ou hábito adquirido dos antepassados.

Segundo o ponto de vista religioso, o espírito póde, pela graça de Deus (favor concedido) despertar imediatamente para o bem e adquirir a santidade. Nesse caso, Deus escolheria, não quem tivesse mérito, mas aquele que quisesse. Essa atitude do Criador o colocaria na condição de um ser parcial usando arbitrariamente do seu poder para demonstrar a sua grandeza.

Pelo conceito reencarnacionista a santificação é mérito dos que lutaram para conquistar esse grau de pureza, bem como os que revelam inteligência avançada muito lutaram no passado a fim de adquirir capacidade e desenvolvimento. Para o Espiritismo a inteligência é do Espírito, como também lhe pertencem todas as qualidades morais e espirituais.

ESCOLAS DE APRENDIZES DO EVANGELHO DA FEESP

RINO CURTI

(Engenheiro e professor universitário. — Diretor das Escolas da Federação Espírita do Estado de S. Paulo. — Oração de encerramento de curso.)

É praxe, em todo término de ano, encerrar o curso letivo das Escolas de Aprendizes do Evangelho com uma sessão de conagração, de confraternização, em que é feita a entrega, à Fraternidade dos Discípulos de Jesus, aqui representada por grande número de seus membros, de novos companheiros. Os que nela hoje ingressam são os alunos da 10.^a turma que, após 4 anos de assíduo e profícuo aprendizado, para tal se capacitaram.

Cabe a mim, a partir deste instante, assumir o compromisso de coordenar as atividades destas Escolas e, ao mesmo tempo, repetir, lembrar e reafirmar a vós, novos membros da Fraternidade, o que já muitas vezes e com bastante frequência vos foi dito; isto é, **dos objetivos, dos ideais destas Escolas**, daquilo que se vos pretendeu ensinar; o que se quer que graveis; o que se vos pede hoje mais do que ontem; principalmente aquilo que se aspira de vós.

Nos dias que passam muito se fala de nossas instituições, de seu obsoletismo, da necessidade de idéias novas, de princípios outros que melhor correspondam às necessidades atuais, mais condizentes com o progresso material alcançado.

É um clamor de vozes crescente, que se generaliza, se amplia, conclama todos à busca deste algo, como se tudo estivesse a perigar, a rumar incontinentemente para o precipício.

A escola, no seu sentido mais amplo: estas escolas; todas as escolas, não lhes escapam à consideração.

Reclama-se por atualização. Apontam-se Professores afastados da realidade, diz-se da carência de um maior sentido prático, de excesso de teoria; de assuntos que são ensinados sem objetividade.

Se vários exemplos podem corroborar tais afirmações, não é menos verdade que os homens, hoje, estão muito cientes do que devem exigir mas pouco conscientes do que lhes cabe dar.

Não há receber que possa manter-se senão no circuito que se fecha no ato de dar. A vida ensina que tudo que se oferece, se entrega, se dá, necessita receber para manter a sua condição de dar.

A fonte dágua que dessedenta o viajor cansado recebe de toda parte, abastece-se

- das poças,
- das infiltrações,
- das chuvas,
- dos córregos,

da desidratação de todos os elementos que se decompõem no solo, através do filtro purificador em que a terra se constitui, abastecimento este que a sustenta como fonte e que a mantém como manancial benfazejo que restaura.

E Escola não escapa a esta lei.

Senão, vejamos!

As situações que a vida cria são inúmeras e os problemas que ela apresenta são os mais variados.

A teoria prepara o substrato da prática; a fundamenta; refere-se a um determinado nível de conhecimentos que são construídos sobre a prática anterior e são o resultado de um processo que procura determinar, entre os fatos conhecidos, as leis que os governam.

Dentro de sua enorme diversidade — da diversidade dos fatos conhecidos — procura-se descobrir quais os elementos comuns, os princípios a que estão sujeitos e que serão o conteúdo da teoria. Esta não consiste na retenção de fatos, de experiências, como se em nossa mente houvesse um arquivo de infinitas possibilidades. Consiste sim nesta retenção de princípios e de formas relacionadas entre si, que são os que nos permitem, com seu conhecimento, reconstruir tais fatos, tais experiências; nos permite repetí-las, realizar outras igualmente possíveis, igualmente factíveis, sujeitas às mesmas leis.

Mas as experiências consideradas não esgotam todas as experiências, não conduzem a todas as verificações, não permitem se estabeleçam todas as relações existentes entre os fatos possíveis. A realidade que se nos defronta hoje não é a mesma que fundamenta a teoria. É diferente, modificada; encontra-se enriquecida de aspectos novos ampliada pela visão de novas possibilidades, descortinadas justamente por ela, aportando-lhe, por isto, a contribuição de novos dados a considerar, a condição de seu evoluir.

A teoria existente, os conhecimentos consagrados não são completos, não atendem a todas as necessidades, não resolvem todas as situações. Eles consubstanciam somente o resultado das experiências passadas; não de todas as presentes; muito menos de todas as futuras.

Permitem-nos, porém, reter as já conquistadas; possibilitam-nos prosseguir na conquista do conhecimento; constituem-se em elevado patrimônio de que dispomos. Seu progresso está no contributo que nós lhe aportarmos; reside na boa execução, na quota de aperfeiçoamento que nós — nós todos — introduzamos no nosso agir.

No plano do executor — de quem as executa — as tarefas suscitam as experiências e, nelas, imprime-se o resultado do aperfeiçoamento, da contribuição pessoal de quem as perfaz. Destas experiências, imbuídas de novos elementos de progresso, os que se situam em um plano mais alto de

atividades abstraem formas e conexões que permitam relacioná-las, retendo-lhes os fatores da melhora. As relações que resultam constituem novas experiências, perfazendo-se nos elementos de novas tarefas — tarefas de nível mais alto — e nas quais aquele que as realiza é induzido à introdução de novos aperfeiçoamentos.

E assim por diante. Até que, no nível do teoretizador, encontramos o resultado de todo este perpassar de um nível a outro, o material que irá preencher a teoria que a Escola irá oferecer, transmitir.

Os aperfeiçoamentos introduzidos passam de um nível a outro e todos se somam, de modo que o progresso aportado à teoria, o evoluir de que a Escola se constitui, é a resultante do contributo de cada um, dos melhoramentos de que cada um se faz autor.

Assim como a fonte necessita do contributo de todos os elementos citados, a fim de, após o processo de filtração e recolhimento, poder dispor do líquido fresco, puro, cristalino para jorrar em oferta gratuita ao viajor sequioso; assim a Escola necessita do esforço, do concurso do esmero de cada um a fim de que, filtrados os resultados através dos vários níveis de tarefa, possa ela ter sempre a oferecer elementos revitalizadores de energia, não corrompidos pela estagnação advinda da indiferença e do comodismo induzidos pelo ensimesmamento.

Desta forma a Escola é o resultado do que somos, do que fazemos, da maneira pela qual agimos. É nossa tarefa também fazê-la subsistir, não permitir que perca sua vitalidade. Não houvesse a herança da sabedoria, do conhecimento, nada seria possível, nada poderia ser realizado.

Qualquer que seja o nível considerado, glorifica-la é uma tarefa comum a toda atividade; diz respeito a todos; ninguém pode furtar-se-lhe aos imperativos. Além da continuidade do realizar, é ela que permite os liames da colaboração, a reunião de energias, a conjugação de forças, o incrementar do poder de realização. Estabelece o má-

ximo entrosamento entre os homens; fixa os resultados daquilo que houvermos realizado de melhor, transforma-o em benefício geral, produz a melhora das circunstâncias que hão de encontrar os que nos sucederem, e com que nos defrontaremos em nossas encarnações futuras.

Isto, acima de tudo, é o que se vos pretendeu ensinar. Não somente a necessidade de aculturação; mas principalmente a indispensabilidade de renovar atitudes, de imbuir os próprios atos do sentimento evangélico de dar, oferecer; contribuir para o estabelecimento do desenvolver harmônico, pacífico e frutuoso de todas as atividades e relações humanas; pôr nas próprias atitudes toda a pureza de sentimentos capaz de os permitir atingir o máximo e o melhor de nossas realizações, relativamente à utilidade que se possa emprestar-lhes a benefício da Criação e de vosso semelhante. Realizar aquela "Reforma Íntima" tão bem conceituada pelo nosso Comandante Edgard Armond, inspirado fundador destas Escolas e tão mal compreendida ainda em nossos dias, por muitos que ainda não se aperceberam, apesar de cristãos, espíritas, de que o Evangelho acima de tudo, exige de cada um crescimento na prática das leis do amor.

Cumpria-se, evidentemente, transmitir-vos a experiência existente e cabível no nível em que vos encontráveis; mas era desejo também infundir-vos esta noção de responsabilidade no cumprimento do próprio dever, o respeito pelos patrimônios culturais existentes, a noção de cumprirdes as tarefas que vos dizem respeito, com perfeição.

Infundir-vos este sentimento que vos guie a fazer, de vossa tarefa, algo de frutuoso, útil, realizador; algo que vos capacite, no meio onde estiverdes, a vos tornardes fóco de harmonia, fonte de atos benéficos. centro indutor de progresso.

As tarefas que não se imbuem deste aspecto de utilidade geral, que não trazem impresso este cunho que as distingue para benefício comum, não têm valor, nada encerram que as justifique, não se

revestem de características que lhes confirmam dignidade.

O homem que não dá de si, semeia ao vento.

Aquele que não possibilita a utilização de suas experiências, provoca o estacionamento do progredir dos outros, faz com que a vida se preencha de discórdia, ociosidade e indigência.

Sumamente importante, porém, é a tarefa que pretendeis abraçar e que se desejou facilitar-vos: — a dos Discípulos da Fraternidade de Jesus; a dos restauradores de sua doutrina de amor; a dos arautos do progresso, imitadores da excelsa figura do nazareno, no reviver-lhe o agir, em repondo a fé nos corações desiludidos; redespertando o amor pela vida; reestabelecendo a crença num Pai bondoso; conclamando o homem à dignidade de filho de Deus e seu colaborador na co-criação dos mundos e a praticar, sem peias e sem hesitações: a caridade, a bondade, o amor ao próximo, na exaltação do espírito e no respeito à matéria, como instrumento de sua elevação.

Relativamente a esta, tal como Ele, caber-vos-á:

- acolher os famintos; saciar-lhes a fome, vestir-lhes a nudez;
- recolher o enfermo abandonado à própria sorte;
- encaminhar crianças abandonadas;
- mitigar a miséria colaborando nas instituições de beneficiência;
- amparar a velhice; abrigar o órfão; pensar feridas de corpos em chagas:

Relativamente àquela, tal como Ele, caber-vos-á:

- infundir otimismo, confiança em si mesmo;
- desalojar o desânimo;
- incentivar para o trabalho e para a realização;
- estimular a emprestar a própria utilidade, a cultivar hábitos dignos; a infundir, no próprio agir, o dar de si.

E, para que a tarefa se vos pudesse tornar mais fácil, para que a pudesseis melhor desempenhar, necessário se fazia que a realizásseis em vós primeiro, que alcançásseis por vós mesmos, de antemão, pela reforma íntima, pelo abandono das velhas ilusões, análoga conquista, semelhante reconstrução de ânimo, idêntica disposição de espírito a vos guiar as atitudes. Porque, em assim sendo, ela não vos será penosa; não necessitareis despender grandes esforços; em muito contará somente vossa presença, vosso agir, vosso exemplo.

Diz Padre Bernardes:

— “Não há modo de mandar ou ensinar mais forte e suave do que o exemplo; persuade sem retórica; reduz sem porfia; convence sem debate; todas as dúvidas desata, e corta caladamente todas as desculpas. Pelo contrário, fazer uma coisa e mandar, aconselhar outra, é querer endireitar a sombra de uma vara torcida”.

Quando assim fizerdes; quando assim realizardes, estareis a contribuir dentro da expressão mais alta da caridade: o Ensinar — aquela caridade que determina:

- bom uso do poder humano;
- as possibilidades do trabalho;
- a eliminação da discórdia;
- o combate às aflições;
- o amor edificante;
- a transmissão do conhecimento;
- as possibilidades de realização;
- a compreensão da essência da vida;
- a transformação de todo homem em um ser útil a toda a criação.

Neste instante, portanto, em que não mais vinculados ao cumprimento do currículo escolar, quando não mais estais apoiados na disciplina desta Escola, permiti lembrar-vos que, durante os quatro anos que nela estivestes, como alunos da 10.^a turma, o que se intentou fazer foi favorecer o crescimento de vossas próprias capacidades, à

semelhança do lavrador que, ao cumprir sua tarefa, não cria a semente, mas tão somente colabora para que ela germine com toda a sua potencialidade, na realização do destino que o Pai lhe determinou, para frutificar, para dar de si, para se ofertar qual nova fonte benfazeja a dessedentar o viajor cansado.

Trabalho não falta. A própria FEESP vô-lo oferece em vários campos. Só vos resta eleger aquele que mais de perto vos fala ao coração. O que importa é que apliqueis o que aqui aprendestes.

Trabalhai e trabalhai sempre como seareiros do Senhor!

Não consintais jamais que se vos estacione a transformação! Não permitais que se vos arrefaça! o entusiasmo! Não deixeis que se vos resseque a redespertada capacidade de amar para que, qual fonte calcinada no deserto pelo sol abrasador, não se vos faça a impossibilidade de receber, a incapacidade de dar.

Que Deus vos abençoe.

DA NECESSIDADE DE CURSOS

Intensivos de Preparação de Evangelizadores e de Orientadores de Mocidades.

FLORIANO MOINHO PERES

(Presidente da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro.)

No Simpósio Centro-Sulino realizado em Curitiba, no ano de 1.962, com a participação de sociedades espíritas de âmbito estadual, com as sugestões aprovadas, acordaram as federativas participantes, através de trabalho elaborado pela Comissão de Educação, em divulgar o movimento de Evangelização, utilizando cada entidade os meios de que dispusesse, valendo-se, entretanto, das sugestões constantes da tese recomendada pela Comissão em referência.

Os primeiros passos dados nesse sentido pela Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro ocorreram dois anos após o Simpósio de Curitiba, com a realização do 1.º Curso Intensivo de Preparação de Evangelizadores em 1964, na cidade de Macaé.

Ficava, assim, desde logo, cumprida aquela recomendação incentivando-se as Escolas Espíritas de Evangelização já existentes, para a infância e a mocidade, bem como a instituição de outras, tendo por objetivo o ensino do Evangelho.

Estava, desse modo, florescendo no Estado do Rio o grande movimento para que se uniformizassem métodos e sistemas para uma unificação de

planos e programas, visando à justa eficiência do trabalho, sem prejuízo da liberdade de ação de cada um.

A Federação Espírita fluminense, ciosa de suas responsabilidades, recomendava às Alianças Regionais Espíritas, às Uniões Municipais Espíritas, às instituições espíritas em geral e, ultimamente à Aliança Metropolitana Espírita de Niterói e às suas Uniões Distritais Espíritas, recentemente criadas, não perdessem de vista três aspectos fundamentais quanto ao conteúdo de enriquecimento da bibliografia da evangelização, ou seja, que estivessem dentro dos postulados fundamentais do Espiritismo, dentro das boas normas didáticas e de acordo com os interesses básicos daqueles para os quais são destinados.

Em consequência, as conclusões do Simpósio Centro-Sulino, enriquecidas, posteriormente, com valiosos subsídios obtidos nos outros Simpósios realizados em várias regiões do país, frutificaram sobremaneira no Estado do Rio, permitindo se efetivasse, com o tempo, o entrosamento da evangelização da infância e da juventude com o movimento de evangelização nos lares.

Estava vitoriosa a tese elaborada pela Comissão de Educação, qual seja a de atribuir ao Espiritismo a execução do magnífico plano de erguer, sobre os alicerces da educação evangélica, a civilização do futuro.

Educação e vida

A educação é como a vida: uma constante modificação que não pode parar. É uma espécie de oxigênio, não só para a criança e o adolescente, como também para a criatura humana em todas as idades, num mundo em permanente transformação.

Seja evangelizadora da infância ou orientadora de mocidades, a professora precisa ter as virtudes de um pastor de almas.

Para dar uma aula de matemática, demonstrando que dois e dois são quatro, a tarefa é até certo ponto fácil.

Para se trabalhar com o coração de uma criança, cultivando-lhe as tendências positivas e amainando as tendências negativas, a tarefa não é fácil.

Na seara espírita as evangelizadoras e as orientadoras precisam estar à altura de suas convicções e situar-se no lugar dos pais mais amadurecidos, organizando os planos do programa didático.

Não se pode esquecer a missão nobre de que a criança deve ser auxiliada na procura do caminho de acesso ao Reino de Deus, penetrando nos ensinamentos do Mestre Jesus, ingressando nos princípios da Codificação Kardeciana.

Sabemos que todos caminhamos na estrada da vida, no aperfeiçoamento gradativo, para o próprio burilamento e compreenderemos que a criança e o jovem dominarão o porvir, de que todos necessitamos para alcançar a felicidade suprema.

O movimento de evangelização da criança e da orientação do moço, à luz da Doutrina da Terceira Revelação tomou corpo em todo o Estado do Rio de Janeiro.

Os modernos conhecimentos pedagógicos nos levaram a tomar certas medidas relativas ao ensino doutrinário estruturado na Codificação Kardeciana.

Educação Espírita

Como equacionarmos o problema da Educação Espírita em termos práticos e objetivos?

Temos dois caminhos a seguir.

1 — **Doutrinário** — levantamento teórico dos princípios educacionais da Codificação, visto que sua importância é fundamental. O **Livro dos Espíritos** é a fonte principal da orientação teórica, mas não deixa, entretanto, de fornecer elementos práticos experimentais como no caso da Escala Espírita, que é um veio precioso de informações psicológicas aplicáveis ao Espírito encarnado.

2 — **Experimental** — que é a fonte prática e mais vasta, abrangendo inicialmente o “O Livro dos Médiuns” e a seguir todo o vasto acervo de pesquisas e experiências de Allan Kardec na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Na educação espírita o educando se nos apresenta, antes de tudo, como um reencarnado. Sem conhecê-lo à luz do Espiritismo não podemos proporcionar-lhe a Educação Espírita. Suas percepções extra-sensoriais, suas faculdades e sensibilidades mediúnicas, suas orientações conscienciais oriundas do passado são elementos importantes para o seu reajustamento psicológico na presente existência e sua re-orientação educativa.

O problema da Pedagogia Espírita, que nos é imposto, no momento, por força das próprias circunstâncias, mostra-nos que o Espiritismo se encontra numa fase de expansão doutrinária.

Para que a educação se desenvolva de maneira harmoniosa e eficiente é necessária a conjugação do lar com a Escola, dos pais com os mestres.

Não é fácil conseguir isto, mormente no mundo de hoje, nas grandes cidades.

Partindo da premissa de que não se deve lidar com crianças e adolescentes sem que se obtenha, antes, o mínimo de conhecimentos de como entendê-los e atendê-los é que o Departamento de Infância da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, já promoveu seis Cursos Intensivos de Preparação de Evangelizadores da Infância e o Departamento de Mocidade dois cursos de Preparação de Orientadores de Mocidades.

Entendendo, em boa hora, que esses conhecimentos somente poderiam ser obtidos através de um recurso sistemático, instituiu esses Cursos em solo fluminense, representando a sistematização de uma série de conhecimentos que credenciaram centenas de candidatos ao desempenho dessa importante tarefa, conscientizando os companheiros de trabalho que já a estão realizando em nosso Estado do Rio de Janeiro.

Frizamos, por oportuno, que o termo **Curso**, que empregamos, nada tem de pretensioso e ape-

nas designa um conjunto de lições sobre certas matérias, segundo o dicionário.

Emmanuel, instrutor espiritual, asseverou, certa feita que “uma encarnação é como um dia de trabalho”.

Sabemos que a vida terrena é um pequenino curso em nossa evolução, através do porcesso reencarnatório. E, assim sendo, não sabemos quando vamos deixar de aprender e de fazer cursos.

Esquema histórico

Desde o ano de 1.914, a Casa de Imael ministrava aulas de Espiritismo a crianças na então denominada Escola Dominical de Doutrina Cristã. Mas a primazia de seu lançamento na órbita nacional, quanto à exegese do benemérito trabalho de doutrinação e evangelização da criança e do jovem, coube à Federação Espírita do Estado do Espírito Santo, com a tese denominada “Noções de Espiritismo para criança”, apresentada em 1.926, na primeira reunião do Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira. Hoje o movimento de evangelização da criança e de orientação do jovem difundiu-se por todo o País e o Estado do Rio de Janeiro o vem realizando há oito anos consecutivos.

O Pacto Áureo firmado em 5 de outubro de 1949 criou clima propício a que a semente lançada em 1.926 pela Federação capixaba florescesse e frutificasse abundantemente, com a realização do 1.º simpósio em Curitiba, e um Congresso seguido de outros em Salvador, Belém, Goiânia, todos convocados pela Federação Espírita Brasileira. O saudoso Leopoldo Machado, no I Congresso Brasileiro de Unificação, proclamou enfaticamente: “Trabalhem com mais interesse o espírito da criança...”

O 1.º Curso Intensivo de Preparação de Evangelizadores no Brasil foi realizado em 1.955 pela Federação Espírita do Estado do Rio Grande do Sul, (Francisco Spnelli, no período de 14 a 24 de

julho) em cumprimento ao seu programa de ação federativa, com ótima ressonância no movimento federativo nacional. Com esse belo trabalho a FEERGS estabeleceu para si bases seguras ao ensino do Evangelho e da Doutrina Espírita às novas gerações.

Foi espelhando-se no trabalho realizado pela Federação Espírita gaúcha que a sua congênese fluminense passou a realizar também seus cursos intensivos de preparação de evangelizadores e de orientadores de mocidades, contando com a participação efetiva e indispensável porém extra oficial, de sua co-irmã sulina, através de elementos de seu hoje Departamento de Evangelização e Orientação, em sua nova estrutura.

Com o transcurso dos anos, juntaram-se, integrando a equipe do Estado do Rio, valorosos elementos de São Paulo, da Bahia, Espírito Santo, Pará e Paraná, constituindo-se assim valiosa equipe de professores integrados em 6 sociedades espíritas de âmbito estadual. Assim, os cursos, já em número de oito, foram aperfeiçoando progressivamente os processos pedagógicos e didáticos do currículo apresentado.

Com o desdobramento natural dos trabalhos, ao curso de longa experiência, hoje já se realiza em solo fluminense encontros entre pais e mestres para discussão de problemas comuns de doutrinação e evangelização da criança e do jovem.

Lembramos a magnífica tese aprovada no IV Seminário de Dirigentes de Mocidades Espíritas da FEERGS, neste trecho que se ressalta: "Concomitantemente às tarefas referidas será desenvolvido o trabalho junto à família que é a mais importante agência educativa que se conhece com relação às novas gerações".

Assim, há 8 anos consecutivos vimos realizando esses cursos. Vários municípios já foram contemplados: Macaé, Nova Friburgo, Campos, Volta Redonda (duas vezes), Vassouras, Itaperuna e Três Rios.

Matéria dos cursos

As matérias ministradas nos cursos intensivos de Preparação de Evangelizadores tem sido:

Didática — Disciplina prática e de caráter educativo que ajuda o professor a dirigir os alunos na sua aprendizagem. A Didática é considerada por muitos como a **arte de ensinar**, envolvendo em seu campo de ação cinco elementos fundamentais:

— o aluno; — o professor; — os objetivos; — a matéria; — os métodos (técnicas) de ensino, traçando os rumos adequados ao processo “ensino-aprendizado”.

Esses fatores estão sempre presentes no ensino e são:

— variáveis; — de alta complexidade; — inter-relacionados; — altamente ponderáveis.

A chamada Moderna Didática evolui com a evolução dos conhecimentos psicológicos e caracteriza-se pelo seu predominante **paidocentrismo**, isto é, o aluno é o fator pessoal decisivo na situação escolar, ou seja, é o ativo empreendedor. O Mestre é o incentivador, o orientador, o estimulador do processo ensino-aprendizagem.

Recursos Audio-Visuais

Conceito — Audio-visual é todo o material didático que pode impressionar os sentidos físicos dos alunos, tendo em vista dar maior realismo ao ensino. Os audio-visuais começam pelo professor, desde que ele utilize a palavra, o gesto e o olhar. Objetivos: despertar e prender a atenção; auxiliar a retenção da imagem visual e da informação.

Material Didático:

Entende-se por material didático todos os objetos que auxiliam o professor em sua função educativa, podendo esses objetos ser fabricados ou naturais.

Psicologia — Usando excertos de **O Livro dos Espíritos** encontramos fundamentação para o roteiro da psicologia do desenvolvimento. A técnica é a leitura dirigida e a exposição dialogada. Aplica-se no pre-escolar (jardim), no escolar (1.º, 2.º e 3.º ciclos) e no pre-adolescente (4.º ciclo).

Literatura infantil:

Tem como principal finalidade **recrear** a criança. Depois, cumprindo sua finalidade cultural, **educa** e **informa**. A criança, ao ouvir a estória, quer sentir prazer, encanto, deslumbramento. A Literatura Infantil tem ainda finalidade cultural, sem prejuízo de sua função recreativa.

Vêm, a seguir, Doutrina, estórias e passagens evangélicas. A parte mais importante de todo o curso é a Doutrina Espírita. Dosando a matéria de um programa esquematizado, começamos com o ensino de Deus, Eternidade, Sabedoria, Religião, Prece, etc.

O planejamento do ensino doutrinário do espírita perfeito através de divisão de ciclos: jardim, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º ciclos para a infância e pre-mocidade e Mocidade para jovens. Allan Kardec, o missionário lionês, focalizou na Codificação, entre muitos outros problemas, o referente à educação dos filhos, relacionando inclusive o problema das semelhanças físicas e morais.

Nossa influência sobre os filhos é de inegável preponderância, pois da boa conduta materna e paterna resultam os mais salutares efeitos para os filhos. Virtude e moral são transmissíveis pela vivência e pela exemplificação.

Ao codificar o Espiritismo Allan Kardec colocou-nos diante da grande evidência: A Religião passou a ser coisa muito séria. Emergimos da infância, acordamos na adolescência e vivemos a mocidade atravessando inumeráveis milênios. Instrução e educação, eis a grande meta a ser alcançada. Educadores, legisladores e moralistas já se preocupam com o assunto.

O uso de pílulas e entorpecentes e das pilulas anticoncepcionais invadiu o mundo. É preciso preservar a juventude preservando a infância da decadência, da corrupção e da insanidade. A Doutrina Espírita cabe importante e proeminente papel na salvação do mundo, na cristianização da Humanidade. As únicas barreiras capazes de impedir o trabalho das trevas que querem, a qualquer preço, solapar, é manter a estabilidade da família e da sociedade.

A nossa própria instituição corre o risco, e precisamos cuidar da instrução aliada à educação, no seu sentido real e superior, visando primordialmente à elevação do ser humano, dentro das diretrizes da moral pregada e exemplificada por Jesus, que foi o tipo mais perfeito que Deus colocou junto ao homem para lhe servir de Guia.

Para que a instrução seja suficiente é imperioso que se escude na educação, que se deve processar, inicialmente, dentro das quatro paredes de um lar, seu mais apropriado ambiente. Cabendo aos pais a responsabilidade maior, as crianças podem buscar nas Escolas de Evangelização dos Centros Espíritas os subsídios suficientes, porque essas instituições são grandes auxiliares na formação da infância. No campo da observação e da vivência, vemos que o jovem de hoje vive a infância entre o lar e a sociedade. Vive em ambientes tumultuados e em conflito.

Nos Cursos intensivos de preparação de orientadores, realizados no Estado do Rio de Janeiro, em Volta Redonda e em Três Rios, o programa abrangeu dois aspectos:

Objetivos Gerais: — dar ao orientador de mocidades o preparo básico para o exercício de suas funções e ensinar a troca de experiências entre os orientadores, no sentido do enriquecimento do trabalho;

Objetivos Específicos: — oportunizar o estudo das seguintes áreas de conhecimento: Doutrina Espírita, Psicologia, Didática, biologia educacional, serviço social, organização e funcionamento das mocidades espíritas e atividades artísticas.

O conteúdo estudado em cada área foi o seguinte:

Doutrina Espírita: — Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas; Espiritismo e Parapsicologia; Fenômenos mediúnicos e fenômenos parapsicológicos; Espiritismo e atualidade: divórcio, anti-concepcionais, amor-livre, aborto, fumo, álcool tóxicos, alucinoides; Espiritismo e problemas sociais; o Espiritismo perante a Ciência.

Psicologia:

1 — Conceituação (à luz da Doutrina Espírita). 2 — O homem reencarnado. 3 — Caracteres da Adolescência. 4 — Adolescência e Sexo. 5 — Adolescência e Religião. 6 — Orientação do jovem para o casamento. 7 — Relações Humanas: a percepção do outro. 8 — O ajustamento emocional como fator importante no ajustamento social. 9 — Capacidade de influir no meio social sem ser absorvido por ele. 10 — O jovem espírita como agente modificador do meio social (O sal da terra),

Didática: 1 — Campo de ação. 2 — Processos de comunicação: — condições do professor; — condições do aluno; — condições do meio; — técnicas do ensino. 4 — O problema da avaliação. 5 — Sugestões práticas para reuniões de estudo.

Biologia (educacional): 1 — Corpo e espírito (interação). 2 — A genética à luz do Espiritismo. 3 — A hereditariedade física. 4 — O herdeiro de si mesmo. 5 — O determinismo biológico. 6 — O aperfeiçoamento da máquina humana como consequência de crescimento espiritual. 7 — O sexo do ponto de vista biológico e espiritual. 8 — Consequências educacionais dos assuntos tratados.

Serviço Social: 1 — Conceituação. 2 — Importância do Serviço Social. 3 — No refazimento do indivíduo e da comunidade. 4 — Técnica de Serviço Social. 5 — Obras Sociais: Finalidades, tipos, organizações e funcionamento. 6 — Contribuição do moço no Serviço Social da Casa Espírita.

“Atividades Artísticas”: 1 — Caracterização dentro do movimento espírita. 2 — Importância. 3 — Objetivos. 4 — Tipos: — canto (coros); poesia (coros falados) jograis; — teatro; — elaboração de cartazes, painéis cenários; — recursos audiovisuais para divulgação da Doutrina.

Organização e funcionamento das mocidades espíritas:

Organograma da Casa Espírita.

Funcionamento dos Trabalhos.

Inter-relacionamento dos diversos Departamentos, Divisões, Seções, Setores da Casa Espírita.

A Mocidade Espírita: Finalidade, Organização, Funcionamento.

É-me lícito concluir o presente trabalho trazendo conceitos emitidos na revista „Educação Espírita”, na parte referente ao artigo de Irmão Saulo, intitulado “Porque os adultos se esquecem de que já foram crianças”. Sentimo-nos felizes ao tomar conhecimento de expressões como as que se seguem:

“Os dois problemas: o da educação no lar e o da educação na escola giram em torno de um mesmo eixo. Os pais são os professores no lar e os mestres são os pais na escola.”

“A criança já nasce com o acervo pessoal de suas conquistas no processo evolutivo. Ora, a tarefa dos pais como a dos professores é ajudá-la a integrar-se, durante a presente existência, na posse desse acervo, e a enriquecê-lo ainda mais.”

“A educação é um ato de amor, é a ajuda das pessoas grandes para que as crianças também possam crescer.”

“O mundo das crianças é diferente do mundo dos adultos. Kardec escreveu que as crianças são espiritos que se apresentam no mundo com as vestes da inocência. Carecem de amor e imploram carinho.”

“Pestalozzi sentiu que educar é amar e por isso dedicou-se à educação com toda a força do seu amor. Tornou-se o *paizinho* de seus alunos, como era ternamente chamado por eles. E se fêz

mendigo entre as crianças mendigas para arrancá-las da miséria moral.”

“Pais, sejamos mestres! Mestres, sejamos Pais! Que cada rostinho de criança aberto à nossa frente, como uma flor que desabrocha, nos desperte no coração o melhor de nós mesmos, o impulso do amor.”

“Que cada adolescente, na sua inquietude e na sua irreverência — jovem ego que se afirma pela oposição ao mundo — não provoque a nossa ira, mas desperte a nossa compreensão e a nossa ternura.”

“A *educação-espirita* começa no lar como uma fonte oculta e deve ganhar a planície como um rio tranqüilo em busca do mar.”

ASTORIZACAO

Anteriormente a Educaçao Cultural Espirita Ltda.
LANCEI A NOVA REVISTA para receber o postal
cada uma com o valor de 1000 REIS EDUCACAO ESPIRITA
ESTA COM AGRACIAMENTO E TODA A ATENCAO DE NÓS
MESTRES DE NÓS MESMOS.

1) Nome por extenso
Endereço

Data e assinatura
2) Nome por extenso
Endereço

Data e assinatura
3) Nome por extenso
Endereço

Data e assinatura

LEITOR:

Ajude-nos a fazer esta revista e a divulgá-la. Precisamos da sua colaboração. Esta é uma obra de interesse geral. Não vendemos assinaturas. Você não precisa pagar nada adiantado. Preencha o quadro abaixo e mande-o agora mesmo para:

EDITORA CULTURAL ESPÍRITA LTDA. — EDICEL
Rua Gênèbra 122 — Centro — 04026 — São Paulo.
Cada novo número de EDUCAÇÃO ESPÍRITA lhe será remetido automaticamente pelo reembolso postal. Você o pagará no Correio, ficando livre do pagamento adiantado de assinatura e de suas habituais complicações. Para colaborar neste esforço do *Grupo Espirita de Estudos Pedagógicos* e do *Departamento Cultural Edicel* — favorecendo o desenvolvimento da Educação Espirita para um mundo melhor — convide outros interessados a subscreverem com você a autorização abaixo.

A U T O R I Z A Ç Ã O

Autorizamos a Editora Cultural Espirita Ltda — EDICEL a nos remeter pelo reembolso postal cada novo número da revista EDUCAÇÃO ESPÍRITA. Esta autorização é válida até ordem em contrário de nossa parte.

- 1) Nome por extenso
- Endereço
-
- Data e assinatura
- 2) Nome por extenso
- Endereço
-
- Data e assinatura
- 3) Nome por extenso
- Endereço
-
- Data e assinatura

NOTA — O preço atual é de 7 cruzeiros o número, podendo haver aumento de acordo com a elevação do custo de cada edição, mas procuraremos sempre reduzir esse aumento ao mínimo possível. Só 2 edições por ano.

UMA FORTALEZA AO ALCANCE DE TODAS INSTITUIÇÕES

Em comemoração ao 10.º ano de sua fundação, a EDICEL oferece a todas as Instituições espíritas a oportunidade de adquirirem a coleção completa da REVISTA ESPIRITA - de Allan Kardec, composta de 12 volumes.

Ao comprar esta coleção, toda Instituição receberá outra... gratuitamente.

É isso mesmo: duas coleções pelo preço de uma. Ou quatro pelo preço de duas. E, assim sucessivamente.

Esta promoção é válida somente para Federações Espíritas, Centros, Escolas, Associações Culturais, etc.

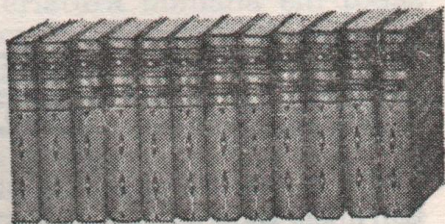
E, por tempo determinado. Não deixe passar esta oportunidade.

Afinal, não é sempre que uma fortaleza deste porte fica ao nosso alcance, em tão boas condições.

 **EDICEL**

Informações e pedidos pelo reembolso postal
Rua Genebra, 122
tel.: 36-2273 - São Paulo

REVISTA ESPIRITA
12 volumes
encadernados em percalina
e com gravação a ouro



Il. Cordeiro de Sá, 36 - São Paulo, 36-2273 - São Paulo



O Prof. Denizard Hippolyte Léon Rivail quando iniciava em Paris a sua carreira pedagógica.



... o corpo é o ramo, o espírito é a seiva, a alma é o bago.

(Livro dos Espíritos - Prolegômenos)